II SÉRIE

n.°5

AGOSTO 1977

PRECO 15\$00

vista revista asvista asvista a jussa portuguesa portuguesa p j os de de de de de de



KADREZ SI



RUI PEREIRA, FERNANDO SILVA, ANTÓNIO P. SANTOS E RENATO FIGUEIREDO EM PLENO CAMPEONATO

SUMÁRIO

67	OS MATCHES DE CANDIDATOS
68	O CAMPEONATO ABERTO DA GUARDA
68	OCHOA CAMPEÃO DISTRITAL DA GUARDA
69	A CILADA NA ABERTURA
70	O XADREZ E A MULHER
70	O PAR DE BISPOS
72	SÍLVIO SANTOS CAMPEÃO DO PORTO
72	CAMPEONATO DISTRITAL DE LISBOA
74	VANGANJAN VENCE EM S. PAULO
75	PARTIDAS CÉLEBRES DO SÉCULO XIX

- 76 NO PORTUGAL DISTANTE
- 77 SECÇÃO DE CONSULTA
- 78 PROBLEMAS ANÁLISE RETROSPECTIVA

EDITORIAL

Na reportagem do I Campeonato Aberto da Guarda, que incluímos no número anterior da R. P. X., referimos alguns aspectos merecedores de análise e crítica. Comecemos pelos prémios pecuniários:

Sabemos que são prática corrente nos torneios abertos e fechados que por esse mundo se realizam. Eticamente nada a opor. A FIDE e todas as federações filiadas, incluindo a nossa, não fazem distinção entre amadores e profissionais.

Mas em Portugal?

Na fase de desenvolvimento em que estamos?

Quando se necessitava que dúzias de torneios semelhantes ao da Guarda se realizassem?

Onde vão os poucos possíveis organidadores deles arranjar mais de três dezenas de contos para prémios?

Existen, no país muito poucos jogadores de craveira técnica aceitável. Habituá-los a prémios pecuniários é deixar de contar com eles nos torneios que os não tenham, que, no momento actual serão a maioria, e onde esses jogadores farão muita falta pelos ensinamentos que proporcionariam aos menos evoluídos.

A Federação Portuguesa de Xadrez desde há muito se apercebeu dissso e tem procurado incutir no espírito de todos os intervenientes na divulgação do jogo a ideia de que ela só será possível em bases de completo amadorismo. Que essa tem sido compreendida e aceite atestam-no a dedicação de quantos à sua volta se têm unido.

Temos acompanhado a acção relevante que a Delegação da Guarda da D.G.D., por intermédio de carolice e dedicação de Marino Ferreira, tem desenvolvido no Distrito. Desde a campanha de ensino nas escolas primárias espalhadas pelas aldeias serranas até à formação de um núcleo com as características e importância do Grupo de Xadrez da Guarda. Sabemos que este torneio aberto foi o remate lógico da acção desenvolvida, a necessidade de dar aos jogadores, recém-conquistados para a prática do xadrez, o contacto que tiveram.

Mas não o teri m sem o chamariz dos prémios?

Estarão os nossos melhores jogadores desinteressados da obra de divulgação que a todos deve caber?

Não haveria outro processo, menos perigoso para o futuro do xadrez nacional, de atrair os mais aptos?

Com viagens e, ou, estadia pagas?
Condições especiais permitiram na
Guarda a realização deste torneio. O êxito
alcançado levará os organizadores a tentar repeti-lo nos anos futuros. Estará a
Guarda sem a ajuda da comemoração do

Dia das Comunidades, em condições de o fazer nos mesmos moldes?

Terão as outras capitais do Distrito possibilidades de lhe seguir o exemplo?

Não temos a pretensão da infalibilidade e gostaríamos de ver debatido a nível nacional assunto de tal importância. Tudo o que está para trás se pode resumir na seguinte pergunta:

Serão os prémios pecuniários um meio de incrementar o xadrez nacional ou um mau serviço prestado à divulgação do jogo?

A pergunta aí fica e, com ela, as páginas desta revista à disposição de quem quiser responder-lhe.

O outro aspecto merecedor de atenção, este de carácter técnico, foi o ritmo.

Dezoito lances por hora, com duas sessões de quatro horas por dia e consequentes adiamentos não nos parece saudável nem propício à prática de bom xadrez. Vários jogadores foram obrigados a maratonas que se iniciavam às nove da manhã e terminavam cerca da meia-noite, com duas horas para almoço e dez minutos para jantar!

Prova com características especiais de resistência?

Podíamos encará-la assim e admiti-la como tal se não contasse para a classificação pontual. Esta baseia-se no processamento estatístico dos resultados obtidos em determinadas condições, as condições das provas mais vulgares e mais numerosas. Por isso se excluem as partidas rápidas e por correspondência. Alterar essas condições é estabelecer uma nova classificação, é misturar coisas diferentes.

Temos de estabelecer quanto antes, — é urgente a revisão do Regulamento de Provas —, qual o factor a que vamos dar prioridade para a classificação dos jogadores: a perfeição técnica com a consequente produção de bom jogo? A rapidez? A resistência?

Os torneios de fim-de-semana dão aos participantes magníficas possibilidades de convívio e aperfeiçoamento. São uma espécie de estágio que, apenas em alguns dias e de maneira agradável, podem dar ao jogador ensinamentos que levariam semanas de estudo normal e solitário.

Mas é necessário que a duração das sessões permita esse convívio e não torne a prova cansativa até ao sofrimento. É necessário um ritmo mais rápido para as partidas e evitar o flagelo dos adiamentos.

Aqui deixamos a nossa sugestão: um primeiro controle aos 90 minutos, com 30 lances, e mais meia hora a cada jogador para terminar a partida.

Teria o inconveniente de obrigar ao acerto dos relógios a meio do jogo, ou ao fabrico de setas que caíssem de meia em meia hora.

Mas esse pequeno senão seria bem compensado pelas vantangens:

- As sessões nunca excederiam as quatro horas.
 - Não haveria suspensões.
 - Permitiria o convívio.
- Evitaria o esgotamento.
- E, suplementarmente, dado que não haveria intervalo para analisar os finais, obrigaria os jogadores portugueses a sabê-los na ponta dos dedos.

Talvez assim não se limitassem a enfrascar-se em teorias de aberturas que, como se viu, não chegam nem para grandes mestres de dois mil quatrocentos e tal pontos.

Aspecto altamente positivo do torneio da Guarda e da obra que lhe esteve na origem terá sido a demonstração prática das possibilidades da colaboração entre o xadrez federado e a Direcção Geral de Desportos.

A separação radical, D.G.D. para o xadrez escolar e Federação para os clubes e outros núcleos, com a nossa pobreza de meios humanos e materiais, com a aberração das estruturas paralelas, principalmente as burocráticas, que acabarão por asfixiar qualquer daqueles organismos, debilitando as suas boas intenções e impedindo a realização das suas melhores iniciativas, parece-nos errada.

Julgamos ser ideia da D.G.D., para desburocratizar e descentralizar os seus serviços, a criação de gabinetes de desenvolvimento para funcionar junto das federações desportivas que estejam dispostas e tenham condições para os receber.

Excelente ideia que, no caso do xadrez, viria ao encontro de uma necessidade e seria o remédio contra as estruturas paralelas. Estará esta modalidade nos planos da D.G.D.?

Uma certeza temos: Sem um monitor de xadrez em cada Distrito, com instruções para apoiar e colaborar nas iniciativas da F.P.X., a divulgação em Portugal será muito difícil para a Federação. Como o será para a Direcção Geral de Desportos, (difícil e mais dispendioso que a manutenção dos citados monitores), sem a colaboração e apoio técnico, que são gratuitos), da Federação Portuguesa de Xedrez.

Não somos ingénuos ao ponto de supôr fácil a escolha desses monitores em certos meios, onde mesquinhez e inveja lhes dificultarão a tarefa.

Por outro lado, um tradicional, (quase diria atávico), costume de favorecer amigos, agravado por 49 anos de política de compadrio, poderá ocasionar erros.

O exemplo da Guarda, por ser único, mostra a dificuldade. Mas mostra também que é possível acertar.

OS MATCHES DE CANDIDATOS

Separados por menos de 50 quilómetros Spasski e Portisch em Genebra, na Suíça, o Korchnoi e Polugacyski em Evian no sul da França, disputam a qualificação para o final dos matches de candidatos. Serão apurados os que levarem a melhor de 16 partidas, prevendo-se prolongamentos de dois jogos até se encontrar um vencedor, caso se verifique o empate a 8 pontos.

Vejamos a marcha dos resultados, em que Spasski e Korchnoi têm as brancas nas partidas ímpares:

SPASSKI 1/2 1/2 0 1/2 1 1/2 1/2 0 1 1/2 5

PORTISCH 1/2 1/2 1 1/2 0 1/2 1/2 1 0 1/2 5

Spasski, obviamente, não repetiu a actuação suicida de Larsen, revelando segurança nas aberturas que há muito constituem o seu reportório. É possível que a maioria dos vaticínios se inclinasse, de início, para a vitória do jogador sólido que é Portisch, até porque o soviético não mais atingiu a sua forma depois do match fronte a Fischer em 1972, e a derrota com brancas na 3.º partida parecia confirmar os prognósticos. Todavia, repôs a igualdade na 5.º e tudo começou de novo. Mais dois empates e uma vitória para cada lado mantiveram o equilíbrio.

KORCHNOI 1 1 1 1/2 1/2 1 1 0 1/2 1/2 1/2 7 ½

POLUGAEVSKI 0 0 0 1/2 1/2 0 0 1 1/2 1/2 1/2 3 ½

Era difícil prever uma superioridade tão flagrante do ex-soviético V. Korchnoi. Será que a responsabilidade do confronto com o dissidente é demasiado para os recursos xadrezísticos e psicológicos de Polugaevski? Definitivamente o vencedor está encontrado, resta apenas saber qual a diferença de pontos que se vai verificar .Entretanto Mecking que nas doze partidas que jogou com Polugaevski, nos quartos de final, não ganhou uma sequer, deve ter já revista a declaração de que se considera o sucessor de Fischer. Aliás basta comparar. Você vê a diferença?

B. SPASSKI - L. PORTISCH

3.º partida Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Be7 6. Te1 b5 7. Bb3 d6 8. c3 0-0 9. h3 Cb8.

Uma peça já desenvolvida é remetida para a origem! Este lance, de aparência paradoxal, é original do húngaro Julius Breyer (1893-1921), um dos inspiradores da escola hipermoderna, e tem a seu favor, em confronto com a linha clássica de Chigorin, 9... Ca5, uma acção central mais eficaz e elástica.

10. d4 Cbd7 11. Cbd2

O gambito de Simagine 11. Ch4 Cxe4 12. Cf5 encontra-se agora pouco na prática.

11... Bb7

Hibridismo característica do xadrez moderno: numa estrutura clássica a introdução do duplo fianqueto tardio, fianqueto simples no flanco de rei (*Pf7*, *Pg6*, *Ph7*, *Bg7*), fianqueto ampliado no flanco de dama (Pa6, Pb5, Bb7). No entanto a ordem dos fianquetos não é arbitrária: se 11... Te8 (para Bf8, g6, Bg7) então 12. Bxf7+ Rxf7 13. Cg5+ e 14. Ce6 ganha a dama.

12. Bc2 Te8 13. Cf1 Bf8 14. Cg3 g6 15. a4 c5 16. d5 c4

Obtendo c5 para o Cd7 e dificultando a progressão branca no flanco de dama. Para 16... Cb6 ver Karpov-Smejkal, n.º 3 pág. 41.

17. Bg5 h6 18. Be3 Cc5 19. Dd2 Rh7 20. Ta3 Tb8 21. Tea1 Te7 22. T1a2 Tc7 23. axb5 axb5 24. Dd1 Cfd7. As brancas dominam a coluna a mas, devido às medidas profiláticas das negras, pouco podem progredir. Karpov costuma jogar de forma menos rígida este tipo de posições, mantendo abertas as possibilidades de ataque no flanco de rei, nomeadamente com a ameaça de f4.

25. h4 Bc8

A primeira manobra do bispo para b7 estabeleceu uma pressão sobre o Pe4, o que levou as brancas a fechar o centro com d5. Como as negras estão normalmente atrasadas no seu desenvolvimento, devem estar permanentemente atentas a qualquer acção central, pelo que esse fecho do centro foi já uma pequena vitória.

Agora em c8 o bispo busca novos horizontes, depois de cumprida a sua primeira missão. O desenvolvimento, isto é, a colocação das peças em posição activa, é um princípio que não se circunscreve à abertura, devendo estar presente também no meio-jogo e no final.

26. h5 Cf6 27. Ch2 Tcb7 28. Bd2 Dificulta b4.

28... Bg7 29. De2 Cg8 30. Ta8 Bd7 31. T8a3

Reconhecimento de que nada de positivo se obtém do domínio da coluna a.

31... Bf6

As brancas têm um plano: trocar o seu bispo mau.

32. Be3 Bg5 33. Cf3 Bxe3 34. Dxe3 Db6 35. Cd2 Cf6 36. Bd1 Rg7 37. Be2 Tc8 38. Ta1

Era preferível manter o status que com 38. Rf1, por exemplo, e propor empate. O Pb2 indefeso vai permitir uma simplificação favorável ao negro. por VICTOR SILVA

38... Ca4 39. Dxb6 Txb6 40. T1a2 Cxh5 41. Cxh5 gxh5 42. Bxh5 f51

As negras estão melhor: mais espaço no flanco de dama, o seu bispo é bom e o das brancas mau e as torres brancas não têm liberdade de acção. Esta posição didáctica será exaustivamente analisada por Álvaro Pereira Filho em 2010 no número 2 da Revista Portuguesa de Xadrez, III série, sob o título «A conservadora moral de Caíssa: os bons (bispos) ganham sempre».

43. b4

Afasta as possibilidades negras de ruptura no flanco de dama. Se 43... cxb3 e.p. 44. Txb3 Txc3? 45. Txc3 Cxc3 46. Ta7 ganhando em ambos os casos.

43... f4 44. Bd1 Rf6 45. g3 Tbb8 46. Rh2 Tc7 47. gxf4?

É difícil dar um conselho às brancas mas, agora, as negras vão atacar o rei branco, cortando as comunicações na coluna g.

47... exf4 48. Bxa4

Faz desaparecer a ameaça sobre o Pc3. libertando as torres.

48... bxa4 49. Ta1 Tg8 50. Cf3 Bg4 51. Tg1 Tcg7 52. Ch4 Tg5

Ameaça 53... Th5.

53, f3 Bd7 54, Txg5 hxg5 55. Cf5

Perde um peão, mas se 55. Cg2 Th8+56. Rg1 Th3 57. Rf2 Re5 (o erro do lance 47 deu esta casa) com a ameaça de g4, ganhando facilmente.

55... Bxf5 56. exf5 Ta8

O peāo não foge.

57. b5 Rxf5 58. b6 g4

O peão passado vai decidir a partida. 59. fxg4+ Rxg4 60. Rg2 Tb8

A torre é necessária para que o Pf4

61. Txa4 Txb6 62. Rf2 Tb2+ 63. Re1 f3 64. Ta8 Te2+ 65. Rf1 Td2 66. Tg8+ Gasta os últimos cartuchos: os xeques

por trás.

66... Rf4 67. Tf8+ Re4 0:1

RÁPIDAS EM ÉVIAN

Paralelamente ao match Korchnoi-Polugajevski, disputou-se em Evian, em 25 de Julho, um torneio internacional de partidas rápidas, cuja fase final foi disputada por dezassete concorrentes, nove dos quais estrangeiros. A prova foi vencida, em grande estilo, por Bagirov, o «segundo» de Polugajevski, que apenas empatou com Gheoryhin. Classificação dos seis primeiros:

1.º G. M. Bagirov (U.R.S.S.), 15,5 pontos; 2.º G. M. Schmidt (Pol.), 15; 3.º G. M. Gheorghiu (Rom.), 14,5; 4.º/5.º G. M. Ostojic (Jug.) e Sargos (Fr.), 16; 6.º M. I. Haik (Fr.), 10,5.

O Campeonato Aberto da Guarda

Publicamos hoje mais três partidas deste torneio, que a falta de espaço não permitiu inserir na altura.

Nesta pequena selecção, incluímos o encontro Durão-Cordovil, não tanto pelo seu nível técnico — que declinou nitidamente a partir do lance 22 sobretudo por parte das brancas, apertadas por um agustioso apu o de tempo — mas porque os encontros entre estes dois jogadores são um «prato forte» cujo desenvolvimento e resultado os xadrezistas portugueses esperam sempre com curiosidade.

J. DURÃO - J. CORDOVIL Inglesa

1. d4 g6 2. c4 Bg7 3. Cc3 c5 4. Cf3 cxd4 5. Cxd4 Cc6 6. e3 Cf6 7. Be2 0-0 8. 0-0 d6 9. b3 ε6 10. Bb2 Da5 11. Dd2 Bd7 12. Tfd1 Tfc8 13. Bf3 Tab8 14. Cxc6 bxc6 15. Cd5 Dxd2 16. Cxf6+ Bxf6 17. Txd2 Bxb2 18. Txb2 a5 19. Be4 c5 20. Tab1 Tb6 21. a4 Tcb3 22. Rh2 a4 23. Bd3 Rf8 24. Rg1 e5 25. f3 f5 26. e4 f4 27. Rf2 Re7 28. Be2 h6 29. Bd3 Rd8 30. Be2 Rc7 31. Bd3 T8b7 32. Be2 Rb8 33. Bd3 Ra7 34. Be2 Ra6 35. b4 Txb4 36. Txb4 Txb4 37. Td1 Tb6 38. g3 fxg3+ 39. Rxg3 g5 40. hxg5 hxg5 41. Th1 Tb2 42. Th7 Bc6 43. Bf1 Txa2 44. Bh3 a3 0:1

J. DURÃO - L. OCHOA BAPTISTA P. D. — Var. Opocensky

1. d4 Cf6 2. Bg5 Ce4 3. Bh4 g5 4. f3 d5 5. fxe4 gxh4 6. exd5 Dxd5 7. Cc3 Da5 8. e4 h5 9. Cf3 Bg4 10. h3 Bxf3 11. Dxf3 Dg5 12. Bc4 Dg3+ 13. Dxg3 hxg3 14. Cd5 Rd8 15. 0-0 e6 16. Cf6 Bh6 17. Tf3 Bg5 18. e5 Bxf6 19. Txf6 Re7 20. Taf1 Th7 21. Bd3, Tg7 22. Th6 c5 23. Th8 Rd7 24. Be4 Rc7 25. d5 cxd5 26. Bxd5 a5 27. Tf8 Ta6 28. T1xf7+ Txf7 29. Txf7+ Rd8 30. Tf8+ Rc7 31. e6 1:0

L. SANTOS - K. ROBATSCH Siciliana

- 1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 Cc6 6. Bg5 Bd7 (mais usual é 6... c6) 7. Be217
- 7. Dd2 é mais comum; ja o joguei em 75 contra o MI F. Silva, mas aqui não quis experimentar a preparação teórica do grande-mestre depois de 7. Dd2.

7... Da5

Como eu respondi em 74 na Olimpíada de Nice contra Puhm da França quando fui surpreendido pelo lance 7. Be2, na altura muito raro.

8. Bxf6 gxf6 9. Cb3

Melhor que 9. 0-0, como jogou Puhm, pois segue-se Cxd4 10. Dxd4 Dc5 com jogo nivelado.

9... Dg5 10. Cd51

Mais forte que 10. g3 h5 11. f4 Dg6 12. Dd2 h4 13. Tg1 hxg3 14. gxh3 Txh3, com jogo confuso (Tatai-Diaz, Camaguey 1974)

10... Tc8?

10... 0-0-0 é a melohr hipótese para as negras (Boleslavski)

11. f4?

Depois de 11. O-0 não vi defesa contra De5 atacando o peão b2 e e4! Para os defender basta recuar o cavalo que acabou de mover para d5 seguido de f4 com vantagem para as brancas! Outras continuações seriam 11. O-0 Bh3 12. Ce3 Tg8 13. f4 Dg6 14. Bf3 e as brancas estão melhor ou 11. O-0 Tg8 12. g3 f5? 13. f4 Dg7 14. e5l dxe5 15. Cc5 e as brancas estão melhor (Sheljandinov-Cerateli, U. R. S. S. 1967).

11... Dxg2 12. Bf3 Dh3! 13. De2 Dh4+ 14. Df2 Dxf2 15. Rxf2 Bh6 16. c3 f5 17. Thg1.

As negras apesar do peão a mais não se conseguem desenvolver harmoniosamente; aqui 17. Tad1! dava mais hipóteses.

17... fxe4 18. Bxe4 f5?! (parece-me

nais forte 18... Be6) 19. Bf3 Be6 20. Fad1 Bxd5! 21. Txd5 (21, Bxd5!?) Bxf4 22. Bh5+?!

Depois de 22. Txf5 Bxh2 23. Th1 Be5 24. T5h5, a posição fica bastante equilibrada, pois existem bispos de casas distintas, e o peão a mais dificilmente ganha.

22 Rd8

Claro! Se Rf8 23, Tf5 + ou se 22,...
Rd7 23, Cc5 + seguido de Ce6 + e Cxf4
23, Txf5?1

Melhor era 23 Cc5, mas tive medo de 23... Be5, mantendo dois pões passados e ligados no centro, além do peão a mais: 24. Cxb7+ Rc7 25. Ca5 Thg8 e as nogras estão um pouco melhor. Depois de 23. Cc5, se Bxh2, 24. Tg7 Be5 25. Tf7 Bf6?? 26. Txd6+! exd6 (26... Rc7 27. Tdxf6 e se 26... Re8 27. Tfxf6++) 27. Ce6+ Re8 28. Tg7++

23... Bxh2 24. Th1 Be5 25. Bf3 Se 25. Bg4 Rc7 26. Tf7 Tcf8 27. Txh7 Txf7+ 28. Txf7 Th2+

25... ε6 26. Th5 Tc7 27. Th6 Te7
28. Be4 (28. Re3 Bg71) Tf8+ 29. Re2
Tf4 30. Bxh7 (com escassos segundos para os próximos 6 lances) Tg4 31. Tf1 (se 31. Tg6 Txh7!) Tg2+ 32. Tf2 Txf2+
33. Rxf2 Tf7+ 34. Re2 Re7 35. Bd3?! (melhor 35. Bc2 ... Bg7 36. Th3? d5 37. Th7! (ο lance secreto, único para evitar e5, pois ameaça Bg6)

(Continua na página 79)

OCHOA CAMPEÃO DO DISTRITO DA GUARDA

Com a participação de dez xadrezistas realizou-se na primeira quinzena de Julho, na sala de xadrez da Delegação da Guarda da D.G.D., o I Campeonato Distrital Individual.

A prova envolveu exclusivamente jogadores do Grupo de Xadrez da Guarda, único clube filiado do distrito, no qual a Federação delegou a organização do torneio. O facto de este campeonato se ter realizado num período coincidente com a época de exames impediu a participação de alguns dos melhores xadrezistas do distrito.

A luta pelos primeiros lugares foi travada principalmente entre Luís Ochoa Baptista (de Lisboa), recentemente segundo classificado no I Campeonato Aberto Internacional da Guarda, Marino Ferreira, António Ferreira e Dr. Almeida e Sá (da Covilhã).

Na 2.º jornada, António Ferreira perdeu com Marino Ferreira. Na 3.º sessão verificou-se um empate entre Marino Ferreira e Luís Ochoa, que, na jornada seguinte, empatou com Almeida e Sá. Este, na 5.º jornada, empatou com Marino Ferreira (duas faltas de comparência afastá-lo-iam da luta pelos primeiros lugares), enquanto Ochoa derrotou António Ferreira.

Com os primeiros lugares decididos, as

derradeiras sessões não trouxeram alterações na classificação final, que ficou assim ordenada:

1.º¹, Marino Ferreira e Luís Ochoa Baptista — 6 pontos; 3.º, António Ferreira — 5; 4.º, Almeida e Sá, 4; 5.º, Mário Tenrerio — 3½; 6.º, José Clara Lopes — 3; 7.º, Carlos Tenreiro — 2½; 8.º, José Aragão Santos — 2; 9.º, Macedo de Carvalho — 2; 10.º, Afonso Paiva — 2.

Nos termos do regulamento de Provas da F.P.X., houve que efectuar posteriormente um *match* de seis partidas entre os dois primeiros classificados, iguais em número de pontos.

Marino Ferreira não pode comparecer ao primeiro jogo e as outras cinco partidas (extremamente teóricas, segundo Ochoa) terminaram todas empatadas. Assim, Luís Ochoa Baptista será o representante do distrito da Guarda no XXXIII Campeonato Naciona! Absoluto, a realizar no presente mês.

L. OCHOA - A. FERREIRA

Defesa Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 Cc6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 e5 6. Cdb5 d6

Está definida a estratégia da abertura: as negras tentarão libertar o seu jogo via d6-d5 e as brancas jogarão para im-

A CILADA NA ABERTURA

Na sequência do artigo anterior iremos neste número expor mais alguns tipos de ciladas relacionadas com os primeiros lances 1. e4 e5, que deverão ser os mais frequentos nas partidas entre principiantes.

Os três primeiros lances (das brancas e das pretas) da seguinte partida definem a abertura Italiana ou Giuoco Piano.

GRECO - N. N. Roma 1619

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 4. c3 De7 (a principal alternativa é 4... Cf6. O lance do texto tem por ideia defender o ponto e5) 5. d4 Bb6 (lógico e consequente com o lance anterior; inferior seria 5... exd4 por abandonar o centro) 6. 0-0 g5?



pedi-lo ocupando o ponto $d\mathcal{S}$ e eliminando as peças negras que o controlem.

1. Bg5 a6 8. Ca3 b5 9. Cd5 Be7 10. Bxf6 Bxf6 11. c3 Be6 12. Cc2 Bxd5 13. exd5 Ce7 14. a4l 0-0 15. axb5 axb5 16. Txa8 Dxa8 17. Cb4 Db7

Após a ocupação do ponto d5 por um peão define-se uma nova estratégia: as brancas atacarão b5 e as negras d5. Por estarem ambos estes peões em casas brancas o bando que possui o bispo que circula por essas casas tem uma peça a mais para atacar e defender. Como veremos, as manobras de ataque a b5 permitirão a ocupação da coluna a pelo exército branco, objectivo estratégico mais profundo e que conduzirá à vitória. Por isso foi fundamental o lance. 14. a4! que debilitou b5 e abriu a coluna a.

18. Bd3 g6 (Tc81?) 19. 0-0 Bg7 20. De2 Tb8 21. Td1 f5 (21. ... Cxd5 22. Cxd5 Dxd5 23. Bxg6 Dc5 24. Be4 e as brancas dominam e4 e d5 para o ataque a h7 e f7) 22. Dc2 Ta8 23. Db3 Rf8 24. h3 Db6 (as negras jogam sem atender ao seu verdadeiro objectivo: o ataque a d5. Serão cas'igadas com a ocupação da coluna a e suas consequências) 25. Cc2 Tb8 26. Ta1 Db7 27. Cb4 e4 28. Be2 Tc8 29. Ta5 Tc5 30. Da2 Be5 31. Ta7 Db6 32. Cc6 Cxc6 33. dxc6 d5 34. Ta6 Dd8 35. Ta8 Bb8 36. Da3 1:0

(comentários de MANUEL SERRA)

(Um erro que as brancas explorarão imediatamente para preparar uma magnífica cilada de mate) 9. Cxg5i fxg5 10. Dh5+ Rd7 11. Bxg5 Dg7? 12. Be6il+Rxe6 13. De8+ Cqe7 14. d5++

BRYCHTA - BOTUR Praga 1951

Os seis primeiros lances iguais aos da partida anterior. 7. Cg5 Ch6 8. Be3 0-0 9. f4! exd4 10. cxd4 Cg4? (as negras procuram criar algumas ameaças como compensação pela forte posição central das brancas; no entanto, estas iludirão as ameaças das pretas montando uma finíssima cilada) 11. f5! Cxe3 12. Dh5 h6 13. f6!!

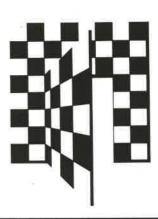


13... Bg4 14. Dg6 seguido de mate na jogada imediata.

Já no século XVI Greco tinha analisado a abertura Italiana. Möller, em 1899, enriqueceu substancialmente estas análises principalmente no chamado ataque Greco--Möller.

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 4. c3 Cf6 5. d4 exd4 6. cxd4 Bb+ 7. Cc3 (a alternativa é 7. Bd2) Cxe4 8. 0-0 Bxc3 (se 8... Cxc3 9. bxc3 Bxc3 10. Db3 com um ataque fortíssimo) 9. d5! Ce5 (a teoria considera como o melhor lance nesta posição 9... Bf6!) 10. bxc3 Cxc4 11. Dd4 Ccd6? (melhor será 11... 0-0 12. Dxe4 Cd6 13. Dd3 Ce8 14. c4 d6 15. Bb2 f5 com igualdade, Mieses-Schüchting 1908) 12. Dxg7 Df6 13. Dxf6 Cxf6 14. Te1+ Rd8? (o correcto é Cfe4; se 14... Rf8 15. Bh6+ Rg8 16. Te5, ganhando) 15. Bg5 Ce8





por TOMÉ DUARTE

16. Txe8+ Rxe8 17. Te1+ Rf8 18. Bh6+ Rg8 19. Te5 e as negras devem abandonar, pois a ameaça de Tg5 é imparável, uma vez que se o cavalo de f6 se mexe, Te8++.

O Gambito Evans, inventado pelo capitão inglês Evans, é uma forma extremamente aguda de jogar a abertura Italiana; a troco do peão do gambito, as brancas alcançam uma iniciativa muitas vezes difícil, de neutralizar. Esta variante proporcionou imensas vitórias quer a Morphy, quer a Steinitz, que a jogavam frequentemente, tendo este último jogado imensas partidas com ela no match para o campeonato do mundo disputado contra Tchigorin.

STEINITZ - PILHAL Viena 1862

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 4. b4 Bxb4 5. c3 Ba5 (também são possíveis 6... Bc5 e 6... Be7; no entanto, o lance do texto é considerado pela moderna teoria como sendo o mais forte) 6. 0-0 Cf6? (o correcto é 6... d6 e depois de 7. d4 Bd7 8, Db3 Bf6!; se 8... De7 9. dxe5 dxe5 10. Td1 0-0-0 11. Cbd2 Ch6 12. Ba3 Df6 13. Bd5l e as brancas estão um pouco melhor, Skotorenko-Timejer, corr. 1976) 7. d4 exd4 8. Ba3 d6 9. e51 (as brancas entregam um terceiro peão, mas o rei negro terá de ficar no centro, sujeito a um fortíssimo ataque) dxe5 10. Db3 Dd7 11. Te1 Df5 12. Bb5 Cd7 13. Dd5 Bb6 14. Cxe5 Ce7

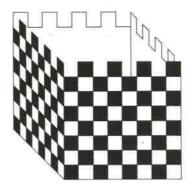


15. Cxd7l Dxa6 16. Cf6+ Rd8 17. Bxe7++

(continua no próximo número)

0

O XADREZ E A MULHER



III — Duas Beatrizes "jogadoras" de xadrez em Portugal

O homem sempre necessitou de um apoio feminino, uma musa inspiradora, imaginária como a Dulcineia de D. Quixote, real mas distante e platónica como a Beatriz de Dante, para um exclusivo de devaneios poéticos como a Natércia de Camões, para decorar e irritar como a amante de Petrónio no poema de Eugénio de Castro.

O próprio jogador de xadrez tomou para si Cáissa e se por vezes o amor e o xadrez colidem na carreira dos grandes-

por DAGOBERTO L. MARKL

-mestro;, a consolação de existência dessa longinqua e caprichosa Cáissa alivia os outros «pesares».

Durante todo o séc. XVII desenvolveu--se o tema plástico dos «échecs d'amour», reminiscência de gravuras, iluminuras e tapeçarias medievais e de, pelo menos, uma pintura da Renascença Italiana de Jerónimo de Cremona (1467-1473).

Num jardim, lembrando o Paraíso Terreno, num inter or morno de quarto burguês, um homem e uma mulher defrontam-re diante do tabuleiro, por vezes um cupido oculta os olhos do parceiro masculino aludindo à cegueira do amor... ou à falta de visão escaquística do homem.

A ligação simbólica que se estabelece torna evidente um magnetismo canalizado, quantas vezes, pela forma fálica de algumas peças. E se Reuben Fine já detectou um grau de homossexualidade reprimida em cada jogador de xadrez, não menos verdadeiro será admitir-se as 64 casas como ritual preparatório para uma disputa mais íntima consoladora do desaire que, quase invariavelmente, o jogador masculino irá sofrer.

Em Portugal tivemos dois exemplos curiosos de dotes principescos dos qua s constavam jogos de xadrez.

Ignoramos se alguma das duas Beatrizes (avó e neta), princesas portuguesas, se limitariam a decorar os seus salões com jogos artísticos ou se justamente os praticavam, por mero prazer ou como ponte para outras experiências.

Quem eram estas possíveis «praticantes»? A mais velha foi D. Beatriz (1433-1470), casada com o Duque de Viseu, D. Fernando, irmão de D. Afonso V. Viria a ser mãe de D. Manuel I. Do enxoval que levou por ocasião do seu casamento, em

1447, consta «hum tavoleiro dem xadrez e de tavolas». Admitimos que se trata de uma espécie de estojo que, aberto, possibilitaria de um lado ser utilizado para o xadrez, e do outro para o gamão.

Anos volvidos a outra Beatriz, filha de D. Manuel, portanto neta da primeira, incluiu no dote inicial (1522), quando se casou com o Duque de Sabóia: «hum tavoleiro denxadrez de cristal guarnecido de prata dourada com quatro leões por pés em cada hum, tem seu escudete branco, e ao redor do jogo em todalas quatro quadras hecho de montaria de marfim meuda cuberta do dito cristal, e todolos tribelhos do dito jogo são isso mesmo guarnecidos de prata, e são de cristal ametade brancos e a outra ametade pretos».

Esta descrição pormenorizada revela-nos tratar-se de uma verdadeira obra de arte.

Será cur.oso saber como se jogaria, então, xadrez em Portugal. Do tempo da primeira Beatriz não possuímos por agora quaisquer elementos concretos. No caso da duquesa de Sabóia, vivendo próximo da época em que Damião de Odemira publicou a primeira edição do seu «Libro de imparare giochare a Scachi», 1512, já se torna fác.l dar um exemplo apresentado pelo próprio Damião e que vem reproduzido na obra de Savielly Tartakower — J. Dumont «500 Great Games of Chess».

1. e4 e5 2. Cf3 Cf6 3. Cxe5 Cxe4 4. De2 De7 5. Dxe4 d6 6. d4 f6 7. f4 Cd7 8. Cc3 dxe5 9. Cd5 Dd6 10. dxe5 fxe5 11. fxe5 Dc6 12. Bb5 Dc5 13. Be3 Dxb5 14. Cxc7+ e ganha a Dama.

Há coisas que se querem aos pares, e uma delas são os bispos. Logo no primeiro artigo desta série dedicado à luta entre o bispo e o cavalo, e à sua correlação de valores em diversas posições, se falou nisso. Se os dois bispos conseguem actuar em conjunto, cada um deles encobre a falha do outro (o domínio de apenas casas de uma cor), e é mais facilmente perceptível o seu poder de acção.

Po:ém, há que não esquecer que, sobretudo em xadrez, poucos são os conceitos que se podem aplicar como dogma, mesmo que, como é o caso, correspondam à verdade a maior parte das vezes. Por isso, quero apresentar um final, tirado da minha própria experiência, em que o par de bispos se mostra inferior ao bispo e cavalo, e isto porque, devido às características especiais da posição, um dos bispos é relativamente mau.



A posição do diagrama ocorreu na partida ROCA - A. PEREIRA, durante o torneio de Cán Picafort, 1976. Anteriormente, tinham as negras tomado uma decisão estratégica difícil: cederam ao adversário o par de bispos e um peão passado — só que este é bastante vulnerável, além de que encerra o jogo do seu próprio bispo de casas brancas.

É curioso que vários dos participantes no torneio, observando «en passant» a posição, depois de 29. Da2, julgaram que ela era favorável às brancas, tendo-me vindo perguntar, no fim do jogo, que «barrete» tinha eu enfiado, para ganhar

SOLUÇÕES

DO NÚMERO ANTERIOR (pág. 64)
COMBINAÇÕES

7 (HANS JOHNER - PAUL JOHNER).

1. Be41 1:0 (se 1... Txe4 2. h3+ Rg3 3. Tf3++. Se 1... Bxe4 2. h3+ Rg3 3. Be1++. Um tema de Nowotny raramente aparece em partidas!)

8 (H. SCHATZ-F. GIEGOLD). 1... Dh7+! 2. Th3 Td1+ 3. Rh2 Th1+! 4. Rg 3Dh4+! 5. Txh4+ gxh4++

9 ZUKERTORT-BLACKBURNE). 1. fxg6I Tc2 (parece suficiente para as negras ganharem!) 2. gxh7+ Rh8 (se 2... Rxh7 3. Th3+ etc.; 2... Dxh7 3. Tg3+ etc.) 3. d5+ e5 4. Db4II T8c5 (tomar a dama ocasionava mate em sete jogadas: 4... Dxb4 5. Bxe5+ Rxh7 6. Th3+ Rg6 7. Tf6+ Rg5 — ou 7... Rg7 8. Tg3+ Rh7 9. Tf7+ Rh6 10. Bf4+ Rh5 11. Th7++ — 8. Tg3+ Rh5 9. Tf5+ Rh6 10. Bf4+ Rh7 11. Th5++; se 4... Te8 5. d6 ganha, ou se T2c5 5. Dxe4 etc.) 5. Tf8+II (mais uma vez ...o sacrifício não se pode aceitar; se 5... Dxf8 6. Bxe5+ Rxh7 7. Dxe4+) Rxh7 6. Dxe4+ Rg7 7. Bxe5+I Rxf8 8. Bg7+II 1:0

ESTUDOS E FINAIS

7 (H. RINCK). 1. Ta8 Dxa8 2. Bf3+; 1... Dc4 2. Tc8+; 1... De6 2. Ta6+; 1... Dxa2 2. Txa4 Dxa4 3. Be8+ (2... Dg8 3. Ta8 Dh7 4. Bg6 Dxg6 5. Ta6+).

8 (A. TROITZKY). 1. Bc6 (ameaça Dg2++) Tb1+ 2. Re2 Txh1 3. Bg2+ Rxg2 4. Cf4+ Rg1 5. Re1 g2 6. Ce2++.

PAR DE BISPOS

por ÁLVARO PEREIRA

um final em que o meu adversário é que aos possuía o par de bispos e um peão passadol... Que eu me recorde, só o antigo campeão de Espanha, Dr. Rey Ardid (que, agora que se reformou, regressou às competições, depois de várias décadas de ausência, ocupado com a sua cátedra de li Psiquiatria, na Universidade de Saragoça) de teve a percepção exacta das dificuldades de das brancas, devido à sua fina intuição al e conhecimento de finais.

29... Rd6 30. g417 Cd7 31. g5 a61 32. Re2 b5 33. Bd2 Cb6i 34. Bb4+ Rd7 35. Rd3

Se 35. d6 Cc4!

35... Be51 36. h3 Bf4 37. Bc5 Ca4 38. Be3 Bxe3 39. Rxe3 Cc31

Atingiu-se um final de cavalo bom contra bispo mau, no qual as negras ganham rapidamente material, com uma manobra simples mas instrutiva

40. Bb3 Rd6l 41. Rd4 Cb1l 42. a4 Cd2 43. Bd1 bxa4 44. Rc3 a3 45. f4 a2

Mas não 45... Rxd5?? 46. Rxd2 a2 47. Bb3+... e ganham as brancas!

46. Rb2 Rxd5 47, Rxa2 Rd4 48. Bc2 Re3 49. f5 Rf4 0:1



No primeiro artigo desta série, vimos já um exemplo em que o par de bispos ganhava facilmente ao de cavalos. Estudemos um outro, em que a vitória não é fácil, não só porque as brancas têm um peão dobrado e as pretas um passado, mas também porque o jogo, bastante «enlatado», não permite grande actividade

9 (A. WOTAWA). 1. a6 bxa6 2. Bc6+ R $^{\circ}$ 3. Be8 Rxe8 4. Cd5 e 5. Cf4 ganha. PROBLEMAS

/ (J. KISS). Jogo virtual: 1... Rd6 2. d8D++; 1... Rf6 2. f8D++; 1... Rd8 2. Dg5++; 1... Rf8 2. Dc5++. Solução: 1. De4 Rd6 2. f8D++; 1... Rf6 2. d8D++; 1... Rf8 2. Dh4++; 1... Rf8

2. Db4++. Bloqueio com mates mudados recíprocos.

8 (ANDRÉ CHÉRON). Ensaio: 1. Dc2? f4 2. Dc3+ Ra2. Solução: 1. Rf4 Bf7 2. Dc2 Ba2 3. Dc3++.

9 (G. M. FUCHS). Ensaio: 1. Bh5? para Bf7 e Tg8 ou h7) Cd7/d5 2. Bf7 Cf6!l. Solução: 1. f6 exf6 2. Bh5 Cd7/d5 3. Bf7 Ce7 4. Th7++ (se 3... Cf8 4. Tg8++).

bispos (PYTEL - KOSTRO, Polónia, 1973)

1. h3l

O plano é rectilíneo, e pode dividir-se em quatro partes: 1) «furar» o flanco de rei, para dar casas aos bispos e possibilitar a pressão sobre o peão e6, por meio de um futuro f4-f5; 2) bloquear o peão d com o rei; 3) «cruzar» os bispos da ala de rei para a de dama, para reduzir ao máximo a actividade das três peças inimigas; 4) levar o rei ao ataque do peão e6.

1... Rg8 2. g4 hxg4 3. hxg4 Rg7 4. Rf2 Rh6 5. Re3 Ca8 6. Bc3 Cc7 7. Rd4 Rg7 8. Be1 Rf8 9. Bh4.

A terceira fase do plano pré-estabelecido já está em prática sem que as pretas possam fazer seja o que for para o impedir.

9... Ca8 10. f5l gxf5 11. gxf5 Rg7?
Mais duro seria 11... Re8 12. fxe6
fxe6 13. Bg6+ Rf8 14. Bd8! Cb8 15.
Re3 Cd7 16. Rg5! d4l 17. Rf4!, com
vantagem (análise de Milic). 11... Rg7?
facilita a tarefa das brancas, porque permite que o bispo entre em d8 sem trocar
os peões f, isto é, sem conceder a casa
f7, essencial para a defesa

12. Bd8I Rh6 13. Be2 Rg7
Evidentemente, se 13... exf5 14. Rxd5
14. Bg4 Cf8 15. Bf6+ Rg8 16. Be7
Cc7 17. Bd6 Ce8 18. Bb8

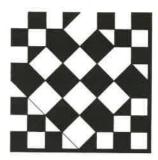
Optando por ganhar o peão a, embora, naturalmente, também ganhasse 18. Bxf8 Rxf8 19. fxe6 Cc7 20. exf7 Rxf7 21. Bf3 Re6 22. Bg2

18... Cd7 19. Bxa7 Cc7 20. fxe6 fxe6 21. Be2 Rf7 22. a5 1:0

Deixarei para o próximo número alguns exemplos da luta mais habitual que trava o par de bispos: tentando ganhar, oposto a bispo e cavalo. Para terminar o artigo de hoje, um final com uma curiosa oposição de peças: dois bispos e cavalo contra dois cavalos e bispo.



O encontro NEJ - BRONSTEIN, a contar para o Campeonato da U. R. S. S. de 1960, não teve, praticamente, meio-jogo. Ao fim de apenas 19 lances, já se tinha atingido a posição do diagrama, aparentemente condenada a um rápido empate. Só aparentemente, porém! Apreciemos como o ex-vice-campeão do mundo, de-



pois de uma larga luta, impôs o seu par de bispos.

19... g61

Impedindo 20. Bf5

20. c3 Cc7 21. Rf1 h5 22. Re1 Bh6 23. Cfe2 Rg7 24. Cf1 Ce6 25. Ce3 f5!

Ganhando espaço na ala de rei. Como se verá as brancas vão conseguir aproveitar-se do descontrolo do ponto e5.

26. Cg1 f4 27. Cc2 Rf7 28. Cf3 Be8I 29. h4

Será mesmo necessário este debilitamento? Mais tenaz parece-me 29. Be2 (!), deitando um olho a g4 e h5, e cedendo a passagem ao Cc2, para apoiar o seu colega em e5 com a manobra do Cb4-d3 ou Rd2, Ce1-d3. Por exemplo: 29... Rf6 (29... a5 30. Rd2 ou 30. b4!?) 30. Cb4 g5 31. h3! (a ameaça era 31... g4 32. Ce5 a5! e, se 33. Cd3? c5!, e o peão d cai de maduro), e as pretas deviam ter mais trabalho do que na partida.

29... Bf8 30. Rd2 Bd6 31. Cce1 c5! 32. Be4 c4 33. Bd1 b5!

Depois de conseguir bloquear as fraquezas brancas no flanco da dama, Bronstein lança-se ao ataque contra essas mesmas debilidades.

34. Be2 a5 35. Bd1 b4l 36 axb3 axb3 37. b3l

«Stop!»

37... Cc7i 38. bxc4 dxc4 39. Be2 Bb5 04. cxb4 Bxb4+

Terminou a lenta fase de manobra, tendo as pretas conseguido, com as rupturas adequadas, abrir novas rotas para os seus bispos, «espalharem a fé e o império» sobre os pobres peões brancos (colonialismo negro?!).

41. Rc1 Ba3+ 42. Rd1 Cd5 43. Cc2 Cc3+ 44. Re1 Bb2 45. Bf1 Ce4 46. Ce5 Bc3+ 47. Re2 Ba4!

O terrível fogo sincronizado dos dois bispos! Daqui até ao fim, os lances das brancas serão praticamente forçados.

48. Ca3 Bxd4 49. Cexc4 Bxf2 50. Rf3 Bc6! 51. Ca5

Se 51.Rxf4 Cg3l e 52... Bxg2

51... Ba8 52. Bb5 Bxh4 53. Bc6?

Um excesso de precaução que conduz à derrota imediata. Melhor era 53. Rxf4, e a linha mais promissora para as negras parece ser 53... Bf2! 54. Rf3! Bc5! 55. Cc2 (única) Cd2+ 56. Re2 (56. Rg3 Cf1+ 57. Rh3 Be4 58. Ba4 Bf5+ 59. Rh4 Bf2+) Bxg2! 57. Rxd2 h4 58. Bd7 h3 59. Bxh3 Bxh3, e o ganho é problemático.

53... Bxc6 54. Cxc6 Cd2+1 55. Rxf4 Bf2!! 0:1

Uma rede de mate alucinante!

SÍLVIO SANTOS CAMPEÃO DO PORTO

De 17 de Maio a 17 de Junho disputouse, no Porto, o Campeonato Associtaivo Individual 77, sob a forma dum sistema suiço de nove sessões.

As habituais dificuldades na obtenção de sala para o torneio, devido ao elevado número de participantes (cerca de 90, desta vez), para além de outros factores, levavam a direcção da A.X.P. a dividir os concorrentes em duas séries, depois de reunião com os clubes na qual estes aprovavam a variante proposta. Para a série A (jogadores com classificação pontual igual ou superior a 1700 pontos) conseguiu a A.X.P. obter as instalações do Clube Feirianos Portuenses, cujo Salão Nobre tem excelentes condições para a prática do xadrez, já aproveitadas, também, para a recente simultânea que Durão e Sequeira vieram realizar no dia 10 de Junho. No mesmo local se fez, durante o torneio uma exposição/venda de livros de xadrez; outra iniciativa paralela foi a edição, pela A.X.P., duma brochura sobre o torneio onde, além de dados sobre os participantes, se reuniam vários textos sobre aspectos do fenómeno xadrezístico, visto de diversos quadrantes (um jornalista profissional, um cronista de xadrez, um livreiro, um especialista no ELO, um jogador internacional, e o delegado da D.G.D. no Porto, foram os autores). A série B (Classificação Pentual inferior a 1700 pontos) reuniu a maior parte dos jogadores, com um peso considerável para os oriundos do Clube Académico de Pedras Rubras; por esse facto, e a pedido daquela colectividade, foi-lhe delegada pela A.X.P. a organização da prova no que respeitava à série B, disputando-se os jogos na Quermesse Paroquial de Maia (excepção feita às duas últimas jornadas, em que as duas séries foram reunidas no Salão Nobre do Clube Ferianos Portuenses).

Em relação à série A que, ao reunir os jogadores, mais cotados, despertava maior interesse desportivo, notaram-se as ausências de Vladimiro Miranda (anterior Campeão Asosciativo), António Cabral, Gil Coelho, Fernando Fernandes, Eduardo Monteiro, que a participarem, teriam um maior impacto competitivo à prova. Os 19 que participaram fizeram os possíveis, no entanto, por manter interessado até ao fim o (escasso) público que acompanhou o desenrolar do torneio; na realidade, foi renhida a luta pelos primeiros lugares, não havendo muita opotunidade de sucederem empates «de salão» que, infelizmente, começam também a invadir o xadrez amador, depois duma generalização (compreensível) no âmbito profissional, Silva Santos, com apenas uma derrota (frente a Jorge Guimarães) e dois empates (contra Jaime Gilber, e João Andresen) sagrou-se, merecidamente, campeão distrital, obtendo finalmente um título dos vários que, em vários campeonatos, teve ao seu alcance sem conseguir conquistar.

Não foi, no entanto, uma vitória fácil, e as últimas jornadas tiveram uma carga emocional interessante, vendo-se os jogadores melhor classificados com tanta atenção às partidas dos mais directos adversários como às que se encontravam a jogar. De salientar também a boa actuação de Bernardino Passas (que já foi campeão regional do Norte, alguns anos atrás) a obter uma classificação de certo modo inesperada, se se tomar em conta as suas actuações nos últimos anos, e que, com um pouco mais de sorte em algumas partidas decisivas, poderia, até, ter causado surpresa maior... Um caso interessante de rejuvenescimento xadrezístico! Surpresa foi também, de certo modo, a má classificação de Jaime Gi!bert, que, para além de empatar com o campeão, pouco mais produziu de interessante durante o torneio.

Na série B a prova foi também bastante disputada, de tal modo que, no fim da última jornada, só o Bucholz permitiu determinar o vencedor da série. Lamentavelmente, a A_{*}X_{*}P_{*} ainda não publicou as classificações referentes a esta série (que reuniu cerca de 70 participantes); deixamos registados, pela nossa parte, o nome do vencedor: José Peralta (CDUP), e do 2_{*}² elassificado, em igualdade de pontos: Rui Mendes (CDUP).

O torneio conclui com a distribuição de prémios, realizada no final da última jornada, com a presença do Prof. Manuel Puga, delegado no Porto da D.G.D.. Foram distribuídas medalhas a todos os participantes, tendo cabido uma taça ao vencedor da prova. Dois livros de xadrez foram ainda sorteados entre os participantes.

Como última indicação, a que se seguirá a classificação final da série A. registamos que o Director do Torneio foi José Alberto Gomes da Rocha, auxiliado por Manuel Neves e António Carlos Ferreira (todos directores da A.X.P.); da arbitragem da série B encarregavam-se elementos do C. A. Pedras Rubras de que não dispomos dos nomes.

Classificação:

1.º Sílvio Santos (CDUP), 7 pontos; 2.º Bernardino Passos (GXP), 6½; 3.º Jorge Guimarães (CDUP), 6½; 4.º Manuel Matos (FCP), 5½; 5.º Fernando Castro (VFC), 5½; 6.º João Andresen (GXP), 5½; 7.º Jorge Pinheiro (CDUP). 5; 8.º Rui da Fonseca (CDUP), 5; 9.º João da Gama (CDUP), 4½ 10.º Jaime Gilberto (GXP), 4½; 11.º Amadeu Loureiro (AAE), 4½; 12.º José Azevedo (AAE), 4; 13.º Eduardo Moura (FCP), 4; 14.º Rui Costa (GXP), 3½; 15.º Jorge Lopes (GXP), 2½; 16.º José Ve:íssimo (GXP), 2½.

Desistiu Aristides Cunha (FCP) e foram eliminados Paulo Sá (GXP) e Fernando Zagalo (FCP).

M. M.

Campeoi

Jogou-se no mês de Julho, no Cent Comércio, a fase final do Campeonato Indivi pelo título, que só veio a decidir-se na última distrital.

O torneio, que em edições anteriores chegou a ser considerado a prova mais forte do calendário nacional, decorreu, à semelhança do ano passado, em duas fases. A primeira disputou-se nos clubes, sendo apurados para a final 30% dos jogadores inscritos em cada um deles. De acordo com este critério, estiveram presentes setenta e sete xadezistas na prova agora terminada, que se jogou em sistema suiço.

Refiram-se em primeiro lugar as boas características do local da prova: uma sala em pleno Rossio, cedida gratuitamente à crganização, com dimensões óptimas. Se acrescentarmos que havia ainda salas anexas para as análises posteriores às partidas, e área suficiente para a assistência, que eliás ocorreu em número muito razoável ao longo das nove sessões do torneio, ficará claro que a Associação de Xadrez de Lisboa descobriu no centro da capital um excelente espaço de jogo.

É curioso o ritmo adoptado — dezoito lances por hora com o primeiro controle ao fim de duas horas e meia —, que julgamos utilizar-se pela primeira vez em Portugal, pelo menos em provas importantes. Se, por um lado, se trata de um ritmo violento, na medida em que obriga às cinco horas de jogo, por outro tem a inegável vantagem de evitar um grande número de suspensões, visto que, de acordo com as estatísticas, muitas são as partidas que se resolvem por volta do 40.º lance.

De criticar será o facto de um campeonato associativo se ter disputado nesta épo-

_	9			1	
1.	° F. Silva	SCP	32	1	20
2.	^º L. Santos	SCP		1	25
3.	° C. Rego	ACL	65	1	33
4.	· Rui Pereira	SLB	F.	1	34
5.	R. Lavrador	SLB	38	1	F.
6.	⁹ J. Santos	SLB	39	1	46
7.	⁹ L Almeida	AAA	F.	1	50
8.	9 A. P. Santos	CAA		1	16
9.	9 M. Valadares	GXA	F.	1	35
10.	⁹ Rem. Pereira	GXA		1	18
11.	° C. Lopes	GXA	F.	1	F.

12.° H. Sardinha, 5½; 13.° F. Sequeira Jr., Fernandes, 5½; 18.° Ant. Cardoso, 5½; 19 23.° S. Araújo, 5; 24.° A Vilaça, 5. 25.° J. J. Alexandre, 5; 30. F. Perdigão, 5; 31.° J. H. Neto, 4½; 36. R. Sacramento, 4½; 37.° 41.° M. Rocha, 4½; 42.° A. Dias, 4½; 43. Xavier, 4; 48.° J. Diogo, 4. 49.° I. Oliveira, 54.° V. Milhano, 3½; 55.° M. Diogo, 3½; A. Rosa, 3; 61.° C. Pardelhas, 3; 62.° M. (des e J. Cabral. Eliminados: H. Ferreira, J.

ato Distrital de Lisboa

Social e Cultural dos Trabalhadores do ual de Lisboa. Depois de uma difícil luta sessão, Fernando Silva sagrou-se campeão

ca do ano. Se o período de férias fez sair de Lisboa vários xadrezistas com direito a estarem presentes na prova (que durou um mês), ao mesmo tempo a aproximação da época dos exames nas escolas afastou a participação de jogadores como João Sequeira e José Pereira dos Santos, que ainda recentemente se classificaram no 1.º e 3.º lugares do Nacional de Juniores. Para além do mais, será muito curto o intervalo entre o termo do Campeonato de Lisboa e o nício do Campeonato Nacional Absoluto (marcado desde o princípio da época para 12 de Agosto), em contraste com os largos meses em que quase se não ouviu falar de vadrez de competição. Por todas estas razões se conclui que não é de seguir a práica de fazer realizar provas extensas em meses como Julho. Pelo menos aparentemente, a Associação de Lisboa não tem qualquer desculpa para ter acordado tão

Numa crítica à actuação dos participantes, haverá que dizer que se tratou de uma prova muito mais combativa do que a do ano passado. Contudo, tecnicamente, a quaidade das partidas jogadas apresenta algunas dúvidas, de tal forma que mesmo entre os jogadores da frente se cometeram erros flagrantes.

Apesar da ausência do M1 Durão e, entre outras, das atrás citadas, o Campeonato foi bastante renhido, apresentou por vezes resultados algo inesperados e permitiu que alguns jogadores conquistassem o

«Elo» necessário para estarem presentes no Nacional.

O MI Frnando Silva, que tinha conseguido no ano passado 100% dos pontos possíveis, foi obrigado a ceder ponto e meio, resultante de três empates, verificando-se o primeiro deles logo na terceira jornada, frente a Carvalho e Rego. Mais tarde em-

pataria com Rui Pereira e António Pereira dos Santos.

Garvalho e Rego foi, aliás a grande figura deste Campeonato. Embora não se encontrasse entre os jogadores com melhor classificação pontual, não só empatou com o campeão, como também levou de vencida Luís Santos na penúltima jornada, tendo inclusivamente hipóteses de conseguir o 1.º lugar ex-aequo.

Segue-se a classificação:

J. O.



F. SILVA — J. SANTOS Siciliana

1. Cf3 g6 2. e4 Bg7 3. d4 c5 4, c4.

Optando pela Siciliana (variante Maroczy). Com 4. d5 joga-se uma espécie de Benoni.

4... cxd4 5. Cxd4 Cc6 6. Cc2.

Com 6. Be3 entra-se nas linhas principais.

6... d6 7. Be2 Da5+?!
Este xeque não é recomendável. Mais seguro é 7... Cf6 8. Cc3 0-0 9. 0-0 Cd7.
A ideia é pressionar em e4 via c5, dada a ameaça Bxc3.

8. Bd2 Db6 9. Cc3 c6?!

Debilita definitivamente o ponto d6. É melhor 9... Cf6, uma vez que se 9... Dxb2 10. Tb1 etc.

10. Cb5!? Dd8.

Se 10... Ce5 11. Bb4 e se 10... Cf6 11. Cxd6+ Re7 12. e5! Cxe5 13. Bb4 com ameacas decisivas.

11. Be3 Bxb2.

Contra 11... Re7 12. c5 era suficiente. 12. Tb1 Bf6.

Se 12... Da5+ 13. Bd2 Dxa2 14. Txb2 Dxb2 15. Bc3 etc., e se 12. Be5 13. f4 a6 14. Bb6! Dxb6 15. Cxd6+ seguido de 16. Txb6.

13. Cxd6+ Rf8 14. 0-0 b6 15. f4.

A vantagem branca é evidente. Com 16, e5, 17. Bf3 e 18. c5 o ataque ao flanco de dama é decisivo, uma vez que as pretas têm dificuldade em mobilizar as suas peças da ala contrária.

15... e5?!

Impede o plano das brancas, mas abre o jogo, evidenciando-se o maior desenvolvimento branco.

16. Dd5 Dc7 17. Cb4.

Melhor que 17. fxe5 Be6!

(Continua na página 78)

VIII VI VII IX 11 111 4 1/2 2 5 1/2 7 1/2 22 3 1/2 7 2 1/2 2 3 5 4 4 5 1 12 6 3 6 17 7 2 6 3 7 2 1 2 1/2 12 3 23 7 4 1/2 5 5 1/2 2 6 1/2 4 7 6 1/2 3 5 1/2 10 2 53 8 4 2 4 13 5 1 5 1/2 19 6 1/2 4 1/2 24 3 1/2 28 41% 2 F. 3 2 3 16 3 4 1/2 5 1/2 5 1/2 6 1/2 3 1/4 18 53 3 10 2 2 2 6 1/2 5 1/2 23 4 4 2 44 3 6 1 6 1/2 3 13 3 25 5 26 3 4 3 1/2 4 1/2 5 1/2 14 6 1/2 2 5 27 6 3 6 3 1/2 15 22 2

½; 14.º M. Diamond, 5½; 15.º Alv. Fernandes, 5½; 16.º T. Duarte, 5½; 17.º Ant. R. Figueiredo, 5½; 20.º R. Vasconcelos, 5½; 21.º A. Moura, 5½; 22.º M. Serra, 5; Morgado, 5; 26.º Alb. Fernandes, 5; 27.º Ant. Baptista, 5; 28.º Arm. Baptista 5; 29.º Ferreira, 5; 32.º A. Miranda, 5; 33.º O. Paiva, 4½; 34.º C. Castanheira, 4½; 35.º J. Garrana, 4½; 38.º T. Almeida, 4½; 39.º M. Romeiras, 4½; 40.º R. Eduardo, 4½; A. Pringshein, 4½; 44.º J. Rodrigues, 4; 45.º F. Dias, 4; 46.º J. Abrantes, 4; 47.º M. 4; 50.º F. Oliveira, 4; 51.º G. Martins, 4; 52.º L. Janeiro, 3½; 53.º C. Monteiro 3½; 56.º C. Damas, 3½; 57.º C. Moreira, 3½; 58.º J. Gomes, 3; 59.º A. Rodrigues, 3; 60.º Data, 2½, 63.º P. Lindo, 2½; 64.º H. Araújo, 2; 65.º N. Amaral, 1. Desistiram B. Mensamos, Ag. Cardoso, A. Costa, R. Cardoso, H. Sequerra, J. Sameiro, C. Silva c E. Silvo.

VANGANJAN VENCE EM S. PAULO

Meritória actuação dos brasileiros

Nem só de Meking vive o Brasil! Para celebrgara o seu 25.ºº aniversário, o Clube de Xadrez de São Paulo com o patrocínio da Prefeitura daquela cidade, organizou um imporante torneio internacional, em



O brasileiro A. Segal obteve em S. Paulo a sua segunda norma de M. I. que participaram catorze jogadores, oito dos quais estrangeiros.

A média ELO da prova elevou-se a 2428,5 pontos (categoria 8), pelo que a norma de mestre internacional era de 7 pontos e a de grande-mestre de 9. Os brasileiros Alexandre Segal e António Rocha, o primeiro com uma grande regularidade, e o segundo com um mau começo, mas num «sprint final» fulgurante, (conseguiram obter a almejada norma de M. I.

O jovem grande-mestre soviético Rafael Vaganjan conseguiu um bom triunfo, somando dez pontos. Também o G. M. argentino iMguel Quinteros efectuou uma boa prova, terminando em segundo, a um ponto de distância. O terceiro posto foi campartilhado pelos três outros G. M. presentes, Benkö, Miles e Rawajev.

De um modo geral, os xadrezistas brasileiros foram competidores muito duros, apesar das consciências de Mecking e do jovem campeão nacional Sunye. Miles, por exemplo, poderá atestar essa crescente força dos jogadores locais, pois perdeu com o «lanterna-vermelha», Jaime Chaves, numa bela partida que comentamos adiante, e com Francisco Trois, este jogo de uma maneira incrível, pois tinha ganho uma figura por um peão logo ao lance trezel (Razão têm os supersticiosos...)

Foi a seguinte a classificação final:

1.° R. Vaganjan (U.R.S.S.) — 10 pontos; 2.º M. Quinteros (Arg.) 9; 3.º/5.º P. Benkö (E.U.A.), A. Miles (Ing. e Y. Razuvajev (U.R.S.S.) — 8; 6.º/8.º J. Kaplan (U.S.A.), A. Rocha e A. Segal (ambos do Brasil) — 7; 9.º L. Bronstein (Arg.)

— 6. 10.º H. Câmara — 5; 11.º/12.º H. C. van Riemsdyk e F. Trois (os três do Brasil) — 4½; 13.º/14.º R. Sanguinetti (Arg.) e J. Chaves (Br.) — 3½.

Após o torneio, em simultâneas realizadas, Vaganjan apenas cedeu um empate (Zilbermann) contra os 25 jogadores que lhe foram opostos, enquanto que Razuvajev perdia com Stachini (18 anos!) e empatava outras duas partidas. Quinteros enfrentou 30 adversários, apenase empatando com Cássio Martins.

O norte-americano Pal Benkö ficará ainda seis meses no Brasil, onde preparará diversas equipas juvenis e femininas.

E passemos a uma selecção de partidas. Antes, porém, o nosso agradecimento ao xedrezista de S. Paulo Cássio Martins, que nos enviou recortes de jornais e outros dados, preciosos para a elaboração desta notícia.

VAGANJAN - TROIS

1. d4 g6 2. c4 Bg7 3. e4 d6 4. Cc3 Cf6 5. f 40-0 6. Cf3 c5 7. d5 e6 8. dxe5 Bxe6 9. Bd3 Bg4 10. h3 Bxf3 11. Dxf3 Cc6 12. 0-0 a6 13. Br2 Tb8 14. Tae1 Cd7 15. b3 b5 16. Rh1 Cd4 17. Df2 b4 18. Cd5 a5 19. f5 f6 20. Be3 Ce5 21. Bb1 Cec6 22. fxg6 hxg6 23. Dg3 Ce5 24 Bxd4 cxd4 25. Td1 a4 Txd4 axb3 27. axb3 Ta8 28. Cf4 De8 29. Txd6 Ta3 30. Ce6 Cxc4 31. Cxf8 Cxd6 32. Cxg6 Cxe4 33. Bxe4 Dxe4 34. Tel Db7 35. Te8+ 1:0

CÂMARA - TROIS

ALEKHINE

1. e4 Cf6 2. e5 Cd5 3. d4 d6 4. Cf3 Bg4 5. Be2 c6 0-0 Bxf3 7. Bxf3 dxe5 8. dxe5 e6 9. De2 Cd7 10. c4 Ce7 11. Cc3 Dc7 12. Bf4 0-0 13. Tc1 Cf5 14. Tfd1 h6 15. c5 g5 16. Cb5 Da5 17. Bd2 Dxb5 18. Dxb5 cxb5 19. Ba5 Bxc5 20. Bxd8 21. b4 b6 22. bxc5 23. Bc6 Cd4 24. Bxd7 + Txd7 25 Txc6+ e as pretas abandonaram lances depois.

DERROTA INESPERADA

«Em xadrez não há jogos fáceis!...» Esta frase tão conhecida à esquecida frequentemente. É natural que um grande-mestre, que disputa vários torneios e dezenas de jogos difíceis por ano, se sente confortavelmente e com a guarda ligeiramente descaída quando do lado de lá do tabuleiro está um jogador desconhecido ou nitidamente mais fraco. Um torneio é uma luta desgastante, e há que aproveitar esses momentos de «semi-folga», entre duas partidas realmente «a doer».

Porém, «tantas vezes vai o cântaro à fonte, que alguma vez lá deixa a asa»!... E, assim, aconteceu, volta meia volta, resultados surpreendentes. Basta que à natural descontracão do xadrezista favorito se junte um dia inspirado do seu desconhecido adversário para que tudo possa acontecer.

E foi isso mesmo que sucedeu ao grande-mestre britânico A. Miles, no recente torneto de S. Paulo, quando defrontou o jovem e inexperiente brasileiro Jaime Chaves. Apesar de jogar com brancas, Miles foi derrotado em toda a linha e, com o rei completamente nu, teve de abandonar logo ao lance 25, depois de um festival de sacrificios!

Como comentou um dos assistentes «Até parece que o grande-mestre é o Chaves!»

MILES - CHAVES Inglesa

. c4

Costuma-se dizer qu e«a mulher do vizinho é sempre mais bonita». Mas a verdade é que Miles, ultimamente, tem sido fiel às Inglesas...

1... e5 2. Cc3 Cc6 3. Cf3 f5 O sangue quente dos brasileiros!

4. d4 e4 5. Cd2 Cf6 6. e3 g6 7. Be2 Bg7 8. Tb1 a5 9. a3 0-0 10. b4 axb4

O jogo está perfeitamente definido: as brancas, como é próprio dos grandes-mestres, preparam-se para mastigar lentamente o flanco de dama, e as pretas, com a «delicadeza» de estilo dum jogador de café empedernido, para atriar a madeira toda sobre o rei inimigo.

11... Ce7 12. Db3 d6 134xb5 Rh8 14. Ba3 f4!

O título do grande-mestre não é uma bula que liberte da nacessidade de rocar! Se 15 exf4 Cf5, com um belo jogo.

15. Ccxe4 fxe3 16. fxe3 Cxe4 17. Cxe4 Bf5 18. Bd3 Cd5l 19. 0-0

Mais vale tarde que nunca... Se 19 $c \times d5$ $B \times e4$ 20. $B \times e4$ Dh4+

19... Cxe3 20. Tf3 Dh41

Chaves prossegue o ataque com toda a alegria dum carnaval brasile ro.

21. g3 Dg4 22. Txe3 Txa3l 23. Dxa3 Bxd4 24. Rg2 Dh3+ 25. Rh1 Bxe4+i 0:1

O mate é imparável depois de 26... Tf2. Raramente um grande-mestre terá sido tão violentamente «sovado» por um out-sider. O que vale é que a cachaa e as batidinhas são boas para ajudar a esquecer!...

(Comentários de ÁLVARO PEREIRA)

Partidas célebres do Seculo XIX

por LUÍS SANTOS

Páginas de grande beleza na história do xadrez constituem as partidas da chamada escola romântica.

Imaginando as suas espectaculares combinações e heróicos sacrifícios de peças, muitas vezes a partir de lances hoje considerados fracos, génios como Anderssen, Morphy, Blackburne ou Tchigorin construiram numerosas partidas classicamente consideradas como obras de arte. Apreciemos algumas.

MAC DONNEL - LABOURDONNAIS Londres 1834 Defesa siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 Cc6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 e5 5. Cxc6 bxc6 6. Bc4 Cf6 7. Bg5 Be7 8. De2 d5 9. Bxf6 Bxf6 10. Bb3 0-0 11. 0-0 a5 12. exd5 exd5 13. Td1 d4 14, c4 (melhor era 14, c3) Db6 15. Bc2 Bb7 16. Cd2 Tae8 17. Ce4 Bd8 18. c5 Dc6 19. f3 Be7 20. Tac1 f5 21. Dc4+ Rh8I (podia-se evitar a perda da qualidade mediante 21... Dd5) 22. Ba4 Dh6 23. Bxe8 fxe4 24. c6 exf3!! 25. Tc2 (única! Se 25. cxb7 De3+ 26. Rh1 fxg2+ 27. Rxg2 Tf2+ etc.) De3+ 26. Rh1 Bc8 27. Bd7 f21 28. Tf1 (ameacava-se 28... De1+ 30. Df1 Dxd1!) d3 29. Tc3 Bxd7 30. cxd7 (30. Txd3 De2!) e4 31. Dc8 Bd8 32. Dc4 De1 33... Tc1 d2 34. Dc5 Tg8 35. Td1 e3 (Philidor tinha razão quando dizia «os peões são a alma do xadrez») 36. Dc3 Dxd1I 37. Txd1 e2 0:1



Pa: s 1836

Gambito Evans

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 4. b4 Bxb4 5. c3 Ba5 6. 0-0 Cf6 7. d4 Cxe4?! 8. dxe5 Cxc3? 9. Cxc3 Bxc3 10. Db3! Bxa1 11. Bxf7+ Rf8 12. Bg8! Txg8 13. Cg5 Cxe5 (13... Dxg5 14. Bxg5 Bxe5 15. Df3+ com grandes hipóteses de vitória) 14. f4?! (escusado, pois 14. Cxh7+ ganhava em poucas jogadas) d5 15. fxe5+ Re8 16. Dd3 Tf8 17. Txf8 Rxf8 18. Dxh7 Bd4+ 19. Rh1 De8 20. Dh8+ Re7 21. Dxg7+ Rd8 22. Cf7+ Rd7 23. Cd8!! (não deixando o rei escapar por c6) De7 (claro que se 23... Rxd8

24. Bg5+) 24. e61 Re8 (se 24... Rxd8 25. Dg8+ ou se 24... Rd6 25. Bf4+) 25. Dg6+ Rf8 26. Bh6+ Bg7 27. Dh7! Bxe6 28. Dh8+ Bg8 29. Bxg7+ Re8 (se 29... Dxg7 30. Cxe6+) 30. Dxg8+ Rd7 31. Dxd5+ Re8 (se 31... Rc8 32. Dxb7+ ou se 31... Dd6 32. Df7+ De7 — 32... Rxd8 33. Bf6+ — 33. Df5+ Re8 34. Ce6) 32. Ce61 1:0

Embora não seja das melhores partidas de Labourdonnais, é sem dúvida uma partida típica da época, em que o grande desequilíbrio entre os jogadores ocasionava sacrifícios brilhantes.

HOFMANN - PETROFF Varsóvia 1844 Italiana

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 4. c3 Cf6 5. d4 exd4 6. e5 Ce4?! 7. Bd5 Cxf2 8. Rxf2 dxc3+ 9. Rg3! cxb2 10. Bxb2 Ce7 11. Cg5?! (correcto seria 11. Dc2 d6 12. Be4 Cg6 13. Cbd2 c6 14. Tad1 com vantagem branca) Cxd5 12. Cxf7 (esperando naturalmente 12... Rxf7 13. Dxd5+Re8 14. Dxc5)



12... 0-011 (muito teve Petroff que analisar antes de jogar este magnífico lance)
13. Cxd8 (se 13. Dxd5 Txf7 14. Dxc5
Dg5+ — ou 14. e6 Bf2+ — etc., o melhor era 13. Tf1, segundo Steinitz, mas depois de Txf7 14. Txf7 Dg5+ 15. Dg4
Dxg4+ 16. Rxg4 Rxf7 as negras devem ganhar) Bf2+ 14. Rh3 d6+ 15. e6 Cf4+
16. Rg4 Cxe6l 17. g31 (única; se 17. Cxe6 Bxe6+ 18. Rg5 Tf5+ 19. Rg4
h5+ 20. Rh3 Tf3++) Cxd8+ 18. Rh4
(18. Rg5 ou 18. Rh5 não são melhores)
Tf4+ 19. Rg5 Ce6+ 20. Rh5 g6+ 21. Rh6 Th4+ 22. gxh4 Be3++

ANDERSSEN - KIESERITSKY Londres 1851 Gambito de Rei

Conhecida pela Imortal. 1. e4 e5 2. f4 exf4 3. Bc4 Dh4+ 4. Rf1 b5 5. Bxb5 Cf6 6. Cf3 Dh6 7. d3 Ch5 8. Ch41 (a melhor defesa contra 8... Cg3+) Dg5 (atacando duas peças, mas melhor era

8... g6) 9. Cf5 c6 (se 9... g6 10. h4) 10. g4 Cf6 11. Tg1II cxb5 (11... d6!?) 12. h4 Dg6 13. h5 Dg5 14. Df3 Cg8 (para dar espaço à dama) 15. Bxf4 Df6 16. Cc3 Bc5 17. Cd5II Dxb2 18. Bd6II Dxa1+ (o mais natural; se 18... Bxd6+Rd8 20. Cxf7+ Re8 21. Cd6+ Rd8 22. Df8++) 19. Re2 Bxg1 (se 19... Dxc1 20. Cxg7+ Rd8 21. Bc7÷+, mas, apesar de tudo, com 19... Db2! havia hipóteses de empate!) 20. e5II (a jogada decisiva. Houve quem tentasse salvar as negras nesta posição, como Steinitz, com a seguinte variante:

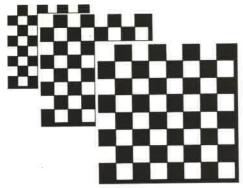
20... Ba6 21. Cc7+ Rd8 22. Dxa8 Dc3 23. Dxb8+ Bc8 24. Cd5 Dxc2+ 25. Re1 Df2+ 1/2:1/2, mas Tchigorin descobriu que, em vez de 22. Dxa8, ganhava 22. Cxa6l) Ca6 (evita o mate de bispo em c7) 21. Cxg7+ Rd8 22. Df6l+ Cxf6 23. Be7++. É espantoso como as negras não perderam peça nenhumal As brancas «apenas» sacrificaram um bispo, duas torres e a dama!!

ANDERSSEN - DUFRESNE Breslau 1852 Gambito Evans

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 4. b4 Bxb4 5. c3 Ba5 6. d4 exd4 7. 0-0 d3 8. Db3 Df6 9. e5! Dg6 10. Te1 Cge7 11. Ba3 b5!? 12. Bxb5 Tb8 13. Da4 Bb6 14. Cbd2 Bb7 (14... 0-0!?) 15. Ce4 Df5?! (15... 0-0?; mas 15... a6 ou 15... d2 eram jogáveis) 16. Bxd3 Dh5 17. Cf6+I gxf6 18. exf6 Tg8 19. Tad1!? Dxf3 (ameaçando mate! Para quando?)



20. Txe7+I Cxe, (se 20... Rd8 21. Txd7+ Rc8 22. Td8+II Cxd8 — se Rxd8 23. Bf5+ ou se Txd8 23. gxf3, clarol — 23. Dd7+III Rxd7 24. Bf5+, seguido de 25. Bd7++. Variante mais bonita que a própria partidal) 21. Dxd7+ Rxd7 22. Bf5+I Re8 (se Rc6 23. Bd7++) 23. Bd7+ Rf1 24. Bxe7++. Anos depois da partida, descobriu-se que com 19... Tg4I as negras têm hipóteses. Mas, de qualquer modo, ainda bem que Anderssen jogou 19. Tad1 em vez de 19. Be4I, lance que não nos proporcionaria uma partida tão bela, apesar de ser melhor.



Após a assinatura do protocolo de intercâmbio de especialistas no campo do desporto, o Ministério dos Desportos de Portugal dirigiu ao Comité de Desportos da URSS o pedido de envio de um grande mestre para realizar sessões de simultâneas e conferências.

Por decisão da Federação de Xadrez da URSS, no final do ano passado, dirigi--me ao extremo mais ocidental da Europa.

A minha estadia em Portugal foi demorada e excepcionalmente saturante.

Durante quase um mês, visitei 14 cidades do país, dei 10 sessões de simultâneas, pronunciei 16 palestras.

Logo no começo, mal tinha descido a escada do avião em Lisboa, fui incluído num torneio em sistema suiço de partidas de 30 minutos. No torneio, entre 64 participantes, estavam todos os mais fortes xadrezistas do país, com a excepção dos mestres internacionais F. Silva e J. Durão, que estavam nessa altura a participar numa prova em Espanha.

Desde logo se tornou claro que os meus principais adversários seriam os bastantes jovens irmãos António e Alberto Fenandes e Pereira Santos. Eles afastaram os mais experientes xadrezistas e nos encontros decisivos tive que NO PORTUGAL DISTANTE

por A. SUETIN

eles. Ganhei o título de campeão de Lishoa com 6 1/2 pontos de 7 possíveis e nos três lugares seguintes ficaram xadrezistas acima mencionados.

Vim a encontrar-me com estas crianças dotadas dias depois. Desta vez eles faziam parte dos meus 30 adversários numa grande sessão de simultâneas para os melhores aficionados de xadrez da capital: foi uma verdadeira festa de xadrez. Num outro complexo também de 30 tabuleiros davam simultâneas alternativas os mestres mais fortes de Portugal J. Durão e F. Silva, que tinham recebido nesse dia o galardão oficial que os afirmava no grupo dos mestres internacionals. Resultado da minha sessão: +20=9-1. Ambos os Fernandes conseguiram empates.

Assim se completou a primeira parte da minha estadia na capital. E na mesma altura começou uma longa tournée Primeiramente parti para o norte de Portugal, para a cidade do Porto (800 mil habitantes). Ai teve lugar um ciclo de conferências sobre vários temas, os principais métodos na teoria de aberturas e meio-jogo. A pedido dos assistentes também pronunciei uma conferência sobre a obra criadora do campeão mundial A. Karpov e os princípios fundamentais

da Escola Soviética de Xadrez. É muito agradável verificar na juventude portuguesa uma imensa atracção pelo xadrez.

Visitei algumas cidades especialmente para a feitura de conferências. Foi o caso da Guarda, de Lamego, Braga, Matokinhos. Precisamente nestas, cidades pequenas em número de habitantes, estavam criadas escolas especiais de xadrez para crianças. É claro que, enquanto nessas escolas se derem apenas os primeiros passos, a qualidade do jogo dos escolares deixa muito melhor a desejar. Mas o importante é a massificação. E, como se sabe, da massificação nasce a mestria.

O dia da Grande Revolução Socialista de Outubro passeio-o no circulo comunista do centro operário de Baixa-da-Banheira. Ai, após simultâneas e conferências, teve Jugar uma longa conferência de imprensa sobre o tema «A Vida Cultural na URSS».

Os encontros nos colectivos de trabalhadores mesmo no fundo duma comum benevolência sem artificios passaram a uma atmosfera particularmente calorosa.

A parte final da minha estadia de novo teve lugar em Lisboa. Os acontecimentos revolucionários de 25 de Abríl de 1974 democratizaram notavelmente o país.

SZMETAN - DURÃO Cienfuegos 1976 India de Rei

1. Cf3 Cf6 2. g3 g6 3. Bg2 Bg7 4.



Em Lisboa, no Liceu Pedro Nunes, Suetin entregou os diplomas de mestre internacional a J. Durão e F. Silva

0-0 d6 5, d4 0-0 6, c4 Cc6 7, Cc3 e5

A continuação principal. No caso de 8. dxe5 Cxe5 9. Cxe5 dxe5 10. Dxd8 11. Bg5 Td4l e as pretas têm muito bom jogo.

8... Ce7 9. c5

Aqui a alternativa é 9. e4 Ce8 10. b4 f5. Na partida Stein-Donner, Havana 1968, prosseguiu-se com 11. exf5! Cxf5 12. Cg5 a6 13. Tb1 Cd4 14. Ce2! Bg4-15. f3 Cxe2+ 16, Dxe2 Bf5 17. Tb3 com um jogo um pouco melhor para as brancas.

9... Ce8

A uma clara superioridade das brancas conduzia: 9... dxc5 10. Cxe5 Cfxd5 11. Cxd5 Bxe5 12. Bg5 f6 13. Cxf6+ Bxf6 14. Dxd8 Txd8 15. Bxf6 ou 9... e4 10. Cg5 dxc5 11. Cgxe4 Cexd5 12. Cxd5 Cxd5 13. Bg5! etc.

10. cxd6 Cxd6!?

Continuação pouco explorada. Habitualmente aqui joga-se 10... cxd6 11. e4 h6 12. a4 f5, com jogo de dois gumes.

11. Dc2 h6 12. Ce1 c671

Mais um lance extravagante. Contrariamente, um lance mais natural aqui seria 12 f5.

13. Cd3 cxd5 14. Cxd5 Cc61?

As pretas aspiram a complicações e vão por um caminho estratégico arriscado. Do ponto de vista da luta pela Isto reflectiu-se positivamente no desporto e, no caso particular, no xadrez. Precisamente depois dos acontecimentos de Abril, chegaram ao xadrez uma massa de jovens e dotados xadrezistas. Em nenhum outro país da Europa me aconteceu ter um tão jovem auditório. As vezes parecia que as conferências e sessões de simultâneas se passavam no Palácio dos Pioneiros. Não foi por acaso que a minha última simultânea com relógio contra os mais fortes candidatos a mestre de Lisboa se reduziu praticamente a um teste das «jovens reservas». A sessão foi a 12 tabuleiros e acabou com o resultado de +8=4 a meu favor. De novo jogaram comigo os irmãos Fernandes e P. Santos. Apenas o Alberto, de 13 anos, conseguiu obter um empate.

Regressaram a casa um pouco desencorajados. Mas o tempo passa e talvez venham a recordar esta lição a uma luz mais radiante.

 O_S portugueses são admiravelmente internacionais e bondosos. Juntamente com isto eles causam um grande sentimento de dignidade própria. A_S ideias comunistas são muito populares em Portugal.

Despedi-me calorosamente dos colegas e amigos portugueses. Quero desejar-lhes sucessos na materialização dos seus desejos mais profundos inclusive no xadrez.

Para finalizar apresento uma das partidas do melhor xadrezista do país J. Durão.

igualização, mais conforme seria 14... Be6 15. Cc5 Bxd5 16. Bxd5 Cxd5 17. Dxd5 b6 18. Td1 Cf5 etc.

15. e3 Be6?

Resulta numa perda de tempo. Melhor seria 15... Cf5 ou 15... Bd7 traçando uma apropriada reorganização das forças através de Ca5 e Bc6. Agora a iniciativa branca toma uma configuração real.

16. Cc5 Bc8 17. Bd2 Ca5 18. Da4 Cac4 19. Bc3 b6 20. Cc4 b5 21. Db3 a5

Tendo caído numa situação difícil, as pretas jogam com muita inventiva, pensando justamente que as suas possibilidades só residem numa defesa activa.

22. Cxd6 Cxd6 23. Tfd1

No caso de 23. Ce7+Dxe7 24. Bxa8 b4 25. Be1 Ba6 ou 25. Bd2 Be6 26. Bd5 a4 e as complicações são inteiramente favoráveis às pretas.

23... Be6 24. f4 f6

Única resposta, permitindo reter o centro.

25. a3 Tc8 26. Dc2 Rh7 27. De2 e4 28. De1

Sem dúvida que seria desvantajoso jogar 28. Bxe4? Cxe4 29. Cxf6+ Bxf6

30. Txd8 Cxc3 31. bxc3 Tfxd8 e pela dama as pretas teriam compensação mais do que suficiente. O presente lance das brancas propõem um sacrifício posicional de figura, dispondo-se a começar um ulterior avanço de peões na ala de dama.

28... Ta8 29. a41?

Valia a pena prestar atenção ao simples 29. h3 seguido de g4. Agora o jogo ainda se agrava mais e toma um carácter combinativo.

29... b4 30. Cxb4 axb4 31. Bxb4 Ta6 32. Bf1 Tb6 33. Bc5

Não alcança o objectivo 33. a5 Tc6 34. Bb5 cxb5! etc.

33... Db8

Claro que não 33... Tc6? por causa de 34. Db41.

34. Bxb6 Dxb6 35. a5 Db8 36. b4 (?)

Merece atenção 36. Tac1, tendo em vista a invasão do ponto *c6* e, no caso de ser possível, *b6*.

36... f5 37. Tac1

As brancas subestimam as ameaças tácticas latentes do adversário. Provavelmente mais forte seria aqui 37. Tab1, não temendo o ataque 37... Ba2 contra o qual as brancas dispunham da boa continuação 38. b5. Contudo, e neste caso, após 37... Cb5 as pretas já dispunham de contrajogo suficiente.

37... Bb3i 38. Tc6 Bxd1 39. Dxd1 Td8 40. Db3 Da7 41. Rf2 Ce8i

Passo a passo as pretas vão possuindo uma terrível iniciativa. Agora o seu cavalo lança-se pelo itinerário f6-g4 (ou d5), e para a torre abre-se a colua d.

42. a6 Cf6 43. b5

A tormenta é iminente. Contra 43. h3 poderia prosseguir-se 43... Cd5 44. b5 Cxe3! 45. b6 Dd7 e as pretas ganham.

43... Cg4+ 44. Rg1



44... Td11

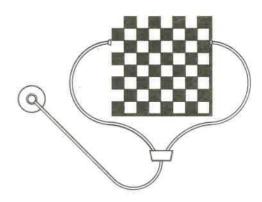
Eficaz golpe final, forçando o caminho da vitória.

45. b6

Se 45. Dxd1 Dxe3+ 46. Rh1 (46. Rg2 Df2+) Cf2+ 47. Rg2 Cxd1 e a luta em breve estava acabada.

45... Dd7 46. b7 Dd2l 47. Tc2 Cxe3! 48. Dc4 Dxc2 49. b8D Dg2++!

(Traduzido do quinzenário «Chahmaty» por Alvaro Fernandes).



SECÇÃO DE CONSULTA

por VICTOR SILVA

P. — No livro «Xadrez Básico» vem gralhada a variante Worrall. Quais os lances 10, 11, 12 e 13? E quais os lances 48 e seguintes da 3.º partida do match Spasski - Karpov, 1974?

Sérgio M. S. Pereira - OLHÃO

R. — Aquí vai a variante Worrall toda:

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4
Cf6 5. 0-0 Be7 6. De2 b5 7. Bb3 d6 8.
a4 Bg4! 9. c3 0-0 10. Td1! (10. axb5
axb5 11. Txa8 Dxa8 12. Dxb5 Ca7 13.
De2 Dxe4 14. Dxe4 Cxe4 15. d4 Bxf3
16. gxf3 Cg5) 10... d5 11 d3 Ca5 12.
Bc2 b4 13. d4 b3 14. Bd3 exd4 15. e5!
Cd7 16. cxd4.

Spasski - Karpov: 48. Tbe1 Cc5 49. Txe7+ Bxe7 50. Bc2 Bd8 51. Ta1 Rf6 52. d6 Cd7 53. Tb1 Re5 54. Td1 Rf4 55. Te1 1:0

Portugal defronta a Holanda em telexadrez

Terminada a 1.º eliminatória da Olimpíada de Telexadrez com Relógio, organizada conjuntamente pela FIDE e ICCF, e em que a selecção portuguesa deveria defrontar a da França (que entretanto desistiu), são já conhecidos os encontros dos quartos-de-final. Portugal jogará com a forte equipa da Holanda.

Resultados da 1.º fase: Islândia-Inglaterra, 4:4; Finlândia-Polónia, 4:4 (com apuramento das primeiras); Austrália-Guiana, 6½:3½; Holanda-RFA, 4½:3½; Suécia-Noruega, 4½:3½; URSS e RDA ficaram livres.

Outros encontros da 2.ª eliminatória, que deverá jogar-se até 31 de Outubro: Islândia-Finlândia, URSS-Austrália, RDA-Suécia.

Campeonato distrital de Lisboa

(Continuação da página 73)

17... Bb7.

Um engenhoso processo para não perder material.

18. Cxb7 Cce7.

Se 19... Bg7 20. Cd5 e o sacrifício 21. Txf7+ não pode parar-se convenientemente.

22... Re8 23, Cd5 1:0.

Se 23... Cxd5 24. Dc6+ ou 24. cxd5 com rápida decisão.

(comentários de FERNANDO SILVA

L. SANTOS - R. PEREIRA

1. c4 g6 2. g3 Bg7 3. Bg2 e5 4. Cc3 d6 5. d3 Cf6 6. Cf3 0-0 7. Tb1 a5 (7... Te8) 8. a3 Te8?! (8... Cc6) 9. O-0 Cbd7 10. b4 axb4 11. axb4 c6 12. Db3 (ligeira vantagem das brancas) Cf8 13. Bb2 d5 14. cxd5 Cxd5 (14... cxd5) 15. Ce4 h6

Se 15... f5 16. Cc5 b6 17. e4 bxc5 18. exd5 cxd5 19. Cxe5! Bxe5 20. Bxd5+ Be6 21. Bxe6+ com vantagem.

16. Ta1 Txe1 (16... Tb8!?) 17. Txe1 Db6?! 18. Ta8?! (18. Cd6) Bd7?

18... Cxb4 19. Txc8! (se 19. Cd6 Be6!)
Txc8 20. Cd6 Tc7 (20... Cd5!) 21. Ce8
Te7 22. Cxg7 Rxg7 23. Cxe5 com compensação pelo material.

19. Txe8 (vantagem decisiva das brancas) Bxe8 20. Bxe5 Bd7 (única) 21. Bxg7! Rxg7 22. Cd6 Ce6 (22... Be6 23. Ce8+ e 24. Db2) 23. Ce5



23... Dd41? 24. Cxd7 De1+ 25. Bf1 Cd4 26. De4 (única) b5 27. Dc5!

Com hipótese de rede de mate a partir de Ce8+ .Também servia 27. Cxb51?

27... Cxe2+ 28. Rg2 Cef4+ 29. gxf4 Cxf4+ 30. Rf3 Ce6 31. De5+ 1:0

(comentários de LUÍS SANTOS)

RUI PEREIRA - REN. PEREIRA Defesa Alekhine

1. e4 Cf6 2. e5 Cd5 3. d4 d6 4. Cf3 g6 5. c4 Cb6 6. exd6 cxd6 7. h3 Bg7 8. Be3 0-0 9. Cc3 Cc6 10. Tc1 d5 11. c5 Cc4 12. Bxc4 dxc4 13. 0-0 Bf5 14. b3 .

Esta é uma posição que está no «livro» e que é considerada como de ligeira vantagem para as brancas.

14... Bd3 15. Ce2?!

PROBLEMAS

Análise retrospectiva

Dada uma posição d $_{c}$ peças no tabuleiro, provar a sua legalidade ou ilegalidade, a possibilidade de determinado movimento, ou qual o campo que tem o lance, é o objectivo da análise retrospectiva.

A quantidade de peças e a sua posição e especialmente de peões e suas tomadas, é o elemento principal a considerar.

Há análises muito extensas e complexas; começaremos com um exemplo simples (I).

C. S. KIPPING



Mate em 2 lances

Como posição de problema é bastante má; as pretas têm inicialmente o lance Rxc7+, e não há mate em resposta.

A solução do autor é 1. Db4, e segue-se um curioso jogo de xeque directo e cruzado, com promoção:

1... Rxc7+ 2. bxa8C++

1... Rxa7+ 2. b8C++

1... Txa7 2. Tc8++

Mas, se as brancas fizeram o primeiro lance, qual foi o último das pretas,

O R preto não pode ter vindo de c8, casa triplamente atacada; a T também não tem casa de proveniência.

Conclui-se que a posição é possível, mas são as pretas a jogar.

O problema está, portanto, demolido por ilegalidade.

Um exemplo também simples, relacionado com o «en passant», é o clássico problema de Klett (II).

A solução é 1. gxf6, na passagem, ameacando 2. Df5++.

1... gxf6+ 2. Cxf6++

II PH. KLETT «Schachprobleme», 1878



Mate em 2 lances

15. Te1l. Joguei este lance baseado em 15... Bex2 16. Dxe2 Cxd4 17. Cxd4 Bxd4 18. Bxd4 Dxd4 19. Txc4 Dd7 20. Td1 Dc7 com uma posição que me pareceu boa.

15... e5i 16. dxe5 Cxe5 17. Cxe5 Bxe5 18. Te1

18. Dd27 c31

18... Bb2?I

A partida e as análises post-mortem que fiz com o meu adversário terão demonstrado que não se justifica o ganho de qualidade.

19. Cf4 Bxc1 20. Dxc1 Da5?

Com o que as pretas vão ficar em dificuldades. As citadas análises mostraram também a insuficiência de 20... Dd7 ou Te8. O melhor seria provavelmente 20... Be4.

21. Cd5!

Ideia de 22. Cf6+ e 23. Bd4.

21... f6 22. Bd4 cxb3 23. De3! Tf7

23... Bf5 24. Cf6+ Txf6 25. Bxf6 (ideia de 26. De7) Dc7 26. Dc3! com ideia de 27. Te7. Também mau seria 23... Da6? 24. c6!.

24. De6?1

24. Cf6+1 obrigaria desde já as negras a devolver a qualidade, pois se 24... Rf8 25. De8+1

24... Td87

25... Dd8 daria às negras bons recursos de defesa.

25. Cf6+ Rf8

25... Rg7 26. Cd7+ Rh6 27. Te5!

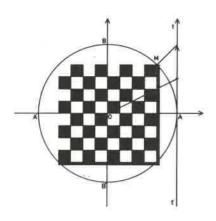


26. Cd7+1

26. De8+? Rg7!

26... Rg8 27. De8+ Tf8 28. Cf6+ 1:0 28... Rg7 29. Te7+ Rh6 30. Th7+ Rg5 31. De5+ Bf5 32. f4++.

(comentários de RUI PEREIRA)



1... Rxg4 2. Dd1++

Mas é necessário demonstrar que é legal tomar na passagem, isto é, que o último lance preto foi f7-f5.

É fácil.

O R preto e os peões da coluna h não puderam mover-se, nem verticalmente, nem mudando de coluna.

O P de f5 não veio de e6 ou g6, casas ocupadas, nem de f6 onde daria xeque ao R branco.

Assim, o último lance negro foi realmente f7-f5.

III S. LOYD

«American Chess Journal», 1876



Mate em 1 lance

Atribui-se a S. Loyd, o «homem dos enigmas», o primeiro problema verdadeiramente compiexo no género, baptisado «Spectrum Analysis» (III).

Nesta posição há um mate claríssimo e banal em 3 lances: 1. Txb8 Rxb8 2. Rb6 seguido da promoção do Pn7.

Mas Loyd exigia mate num lance, e foram dores de cabeça para os solucionistas do tempo.

A solução num lance é 1. axb6e.p.++. É, pois, necessário provar que o último lance negro foi b7-b5.

Vejamos: por motivo de xeque ao R branco, o B negro não pode provir de a7, nem o P de b6.

O R negro para vir da 8.ª travessa (c8 ou d8) tinha de ter tomado uma peça branca. Exemplo: ... Bd8-c7+, Rxc7 ou Ce8-c7+, Rxc7.

Mas veremos que essa hipotética peça branca não podia já existir nessa altura.

Analisando a posição dos PP, o *Pg6* veio de *h*7, e o *Pf6* veio de *e*7, ambos tomando.

O Ph3 fez quatro tomadas para atingir essa posição, vindo de d7.

Total, seis tomadas, todas de peões pretos.

Quantas peças brancas faltam na posição? Sete peças.

Aparentemente, portanto, essa sétima peça podia ter sido tomada em c7, pelo R negro, ou mesmo em b5 e então o P teria vindo de a6 e não de b7.

Mas demonstra-se que só seis peças foram tomadas *em jogo*, peças brancas, claro, pelos peões negros da ala de R.

Porque a sétima peça era o B branco de f1 que, bloqueado pelos seus peões de e2 e g2, só pode ter sido tomado na sua casa inicial, não em b5, nem em c7, aliás casa preta.

Assim se prova que b7-b5 foi o último

por RUI NASCIMENTO

lance negro, e é legítimo o mate num lance.

Grande Samuel (Loyd).

Como é sabido, ou ficam os leitores sabendo, se o desconheciam, as regras do problema admitem o roque, quer na chave, quer no decurso da solução.

O lance só pode ser impedido se se provar que R ou T já moveram.

O último problema desta crónica (IV) é um belo estudo de análise retrospectiva sobre o roque.

Se as brancas jogarem 1. Tad1?, as pretas respondem 1... 0-0!!, e não há mate em dois lances.

A solução é 1. 0-0-0, as pretas qualquer (excepto 0-0), e segue-se Td8++.

O CAMPEONATO ABERTO DA GUARDA

(Continuação da página 68)

37... Ce5 38. Bc2

A única esperança das brancas é o final de bispos.

38... Rd6 39. Cd4 a6 40. Bf5?

Tentador! Parece bom, mas... ainda muita resistência oferecia 40. b3 e, se 40... Cg4, então sim 41. Bf5!=; as negras deveriam então tentar 40... Cc6 41. Cxc6 bxc6 com boas hipóetses de ganho, embra trabalhosas por existirem bispos de cor diferente.

40... exf5! 41. Txg7 f4!

Desagradável surpresa tive quando notei que não ganhava o peão f deois de 42. Txf7 Cxf7 43. Rf3 Re5! 44. Ce2 Cg5+ 45. Rg4 Ce6!; se agora 46. Rf3, por exemplo d4 47. cxd4 Cxd4+ 48. Cxd4 Rxd4 49. Rxf4 b5! etc. com ganho fácil.

42. Tg5 f3+ 43. Rf1 Cc4 44. Tg6+ Rd7 (se 44... Rc5 45. b4++!) 45. Rf2 Cxb2 46. Cxf3 Cd3+ 0:1

Se 47. Re2 ou Rg2, 48. Cf4+, e se 47. Rg3 ou Re3, 48. Txf3+! seguido de Ce5+.

Comentários de LUIS SANTOS)

IV A. LAPIERRE

«Thèmes — 64», 1959 4.ª Menção Hoprosa



Mate em 2 lances

Por que motivo já não podem as pretas rocar, depois do roque das brancas?

Porque, como se vai demonstrar, já moveram $_{0}$ R ou a T.

No ensaio 1. Tad1, nada invalida que a T de d4 seja a Th1, que para sair fez necessariamente mexer o seu R.

Mas como na solução as brancas rocam, é porque não moveram o R, e a Td4 não é de h1; esta foi tomada na sua casa inicial ou em f1, g1 ou g2.

A Td4 é resultante da promoção dum peão.

Por exemplo, o *Pa6* toma *b7* e faz T em *b8* (estando a D negra ou outra peça em *d8* ou *c8* para tapar o xeque).

em d8 ou c8 para tapar o xeque).

Mas como saiu a T branca para d4?

Somente através de d8, e o R preto teve de jogar para evitar o xeque.

Se a T fosse uma promoção na ala de R, por exemplo em g8 (com peça a tapar em f8), a T só poderia ter saído através de h8, fazendo mover a T negra, ou por f8, movendo o R.

Portanto, o R ou T moveram, e o roque negro é ilegal.

Condensando o raciocínio, para ser menos confuso:

 A_S brancas não rocam, a Td4 é a de h1, a_S pretas podem rocar, defendendose

As brancas rocam, a Td4 é portanto resultante duma promoção que obrigatoriamente fez jogar o R ou T negros, tirando-lhes o direito ao roque.

Conclusão brilhante da Análise Retrospectiva!

ASSINE, LEIA E DIVULGUE

REVISTA PORTUGUESA DE **QO CO EN EN EN EZ P**

Pedimos aos nossos assinantes que

pedimos aos nossos assinantes que apenas utilizem o serviço de cobrança quando absolutamente impossibilitados de usar outro meio. Além de mais caro (taxa suplementar de 15\$00), sobrecarregam os nossos serviços inutilmente.

PARA RESOLVER

Combinações

10 DE LANOL-HALVORSEN Corr 1976



ELISKASES-HOLZL Innsbruck 1931





S. KHAN-BOGOLJUBOW



pretas jogam e ganham As pretas jogam e ganham As brancas jogam e ganham

Estudos e Finais

10 A. TRZESOWSKI

8.º lugar

«Friendship Match» 1964

H. RINK

12 S. ISENEGGER

«Basler Nachrichten» 1950 «Das 1×1 des Endspiels» 1964







As brancas ganham



As brancas ganham

Problemas

R. C. NASCIMENTO

Inédito



A. CHÉRON «Feuille d'Avis de Lausanne»



Mate em 2 lances



Mate em 2 lances



Mate em 3 lances

REVISTA PORTUGUESA DE XADREZ

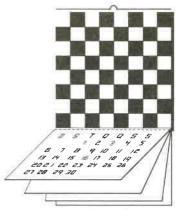
Rua Sociedade Farmacêutica, 56 - 2.º — LISBOA - 1

Periodicidade: mensal — Preço avulso: 15\$00 — Assinatura semestral: 80\$00 - Anual: 150\$00.

Proprietária e Editora: Federação Portuguesa de Xadrez.

Administrador: Gonçalo Leal - Administrador-Adjunto: Agostinho José Roxo. - Corpo Redactorial: Álvaro Pereira, Dagoberto Director: Simões Nunes -Markl, José Oliveira (Chefe de Redacção), José Pereira dos Santos, Luís Santos, Rui Nascimento, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Victor Silva dentes: Faria de Bastos, Manuel Matos, Vladimiro Miranda — Correspon: Colaboração: Álvaro Fernandes, Américo Costa, Fernando Portugal.

Composição e Impressão: Gráfica Progressiva de Cacilhas, Lda. — Tiragem: 6 500 ex. — Distribuição: Agência Portuguesa de Revistas.



SIMULTANEAS EM GUIMARÃES

A Delegação de Braga da Direcção--Geral dos Desportos promove, com a colaboração do Círculo de Arte e Recreio e da Comissão de Festas da Cidade de Guimarães, duas grandes simultâneas de xadrez, integradas no programa de festas da cidade.

Estas simultâneas realizam-se no dia 5 de Agosto, sexta-feira, com início às 16.30 horas, no jardim da Alameda da Resistência ao Fascismo, e serão conduzidas pelos dois mestres internacionais portugueses, Joaquim Durão e Fernando

As inscrições são livres e podem ser feitas através da Secção de Xadrez do C.A.R., Rua Francisco Agra, 74, Guima-

EM ESPINHO XADREZ PARA TODOS

Integradas nas Festas de Verão da cidade de Espinho, a Associação Académica de Espinho fará realizar várias provas no presente mês.

Assim, de 3 a 15 disputar-se-á o I Torneio Aberto da Cidade de Espinho (oficial), que se jogará em sistema suiço de sete sessões, iniciando-se as partidas às 21.00 horas.

Nos dias 13, 20 e 27, pelas 13.00 horas, haverá três Torneios de Rápidas.

De 15 a 24, a partir da 15.00 horas, o V Torneio de Principiantes, para que se prevêem cinco jornadas.

No dia 21 à tarde haverá uma simul-

A par destas realizações, terão ainda lugar várias sessões de divulgação de xadrez em diversos locais da cidade (avenida, piscina e praia).

Mais informações e inscrições na sede da A.A.E.

XXXIII CAMPEONATO NACIONAL ABSOLUTO

Do 12 a 23 de Agosto realiza-se em Lisboa a prova máxima do nosso xadrez.

Participam o Campeão Nacional da época anterior, Fernando Silva, o actual Campeão Nacional de Juniores, João Sequeira, os Campeões Distritais e ainda os jogadores com classificação Elo superior a 2.100

Este XXXIII Campeonato é particularmente importante, visto ir apurar os representantes portugueses para a primeira fase do Campeonato do Mundo (Forneio Zonal), a disputar no próximo ano.